



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS DE ERECHIM**

**CURSO DE FILOSOFIA**

**CAMILO GRANZOTO**

**A VERDADE NO ITINERÁRIO DA EXPERIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA NATURAL:  
REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL**

**ERECHIM**

**2021**

**CAMILO GRANZOTO**

**A VERDADE NO ITINERÁRIO DA EXPERIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA NATURAL:  
REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Erechim, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Celso Eidt.

ERECHIM

2021

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Granzoto, Camilo

A verdade no itinerário da experiência da consciência natural: Reflexões a partir da Fenomenologia do Espírito de Hegel / Camilo Granzoto. -- 2021.  
52 f.

Orientador: Prof. Dr. Celso Eidt

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2021.

1. Verdade. 2. Consciência natural. 3.  
Consciência-de-si natural. 4. Razão. 5. História.. I.  
Eidt, Celso, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

**CAMILO GRANZOTO**

**A VERDADE NO ITINERÁRIO DA EXPERIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA NATURAL:  
REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de  
grau de Licenciado em Filosofia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em 18 de outubro de  
2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Celso Eidt**  
Orientador



PP/

---

**Prof. Dr. Eloi Pedro Fabian**  
Avaliador



PP/

---

**Prof. Dr. Alcione Roberto Roani**  
Avaliador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, aos meus amigos, aos colegas e aos professores, em especial ao Prof. Dr. Celso Eidt. Através da colaboração e participação de vocês, entre os anos de 2016 até o ano de 2021, consegui adquirir novos conhecimentos que levarei para toda minha vida. Devido a isso, posso notar melhoras em meu existir. Enfim, deixo-lhes um forte abraço como símbolo da relação que foi construída durante tal período e, com certeza, vocês estarão no meu coração e na minha memória durante os anos em que estarei presente nesta vida terrena.

*“Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro”.*

*(Henry David Thoreau)*

*A vida do espírito não é a vida que se atemoriza em face da morte e se preserva em face da devastação, mas sim a vida que suporta a morte e nela se conserva. O espírito conquista sua verdade somente quando se encontra a si mesmo na absoluta dilaceração.*  
*(Hegel)*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo expor uma análise sobre a *verdade* no percurso da experiência da consciência natural durante a sua vida. Tem-se como referência os capítulos *Consciência*, *Consciência-de-si* e *Razão* da obra *Fenomenologia do Espírito* (1807) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. A temática da verdade é central na obra hegeliana e passa por distintos momentos no processo de sua apresentação. Do ponto de vista da gênese, ela inicia pelo polo do sujeito, passa para o objeto, se constitui em autoconsciência natural e se realiza através da cultura da história da humanidade. A metodologia utilizada é a leitura e exposição imanente dos conceitos assim como nos apresenta o próprio Hegel. Também utilizamos um conjunto de comentadores reconhecidos e que se dedicaram ao estudo da obra hegeliana. Enfim, nossa conclusão é de que a *verdade* se dá tanto em seu processo como em seu resultado.

**Palavras-chave:** Verdade. Consciência natural. Consciência-de-si natural. Razão. História.

## ABSTRACT

The present work aims to expose an analysis about the truth in the course of the experience of the natural conscience during life. The *conscience*, the *self-awareness* and the *reason* that appear in the chapters of the work *Phenomenology of Spirit* (1807) by Georg Wilhelm Friedrich Hegel are the main references. The theme of truth is central in Hegel's work and it goes through different moments in the process of its presentation. From the point of view of the genesis, it starts by the subject, passes through the object, it constructs itself in the natural self-awareness and it realizes itself through the culture of the history of humanity. The methodology used is the reading and the immanent exposition of the concepts as presented by Hegel himself. A set of recognized commentators who dedicated to the study of the Hegelian work is also utilized. Ultimately, the conclusion is that truth happens in its process as in its result.

**Keywords:** Truth. Natural Conscience. Natural Self-awareness. Reason. History.



## LISTA DE SIGLAS

*Enc. III – Enciclopédia das ciências filosóficas III*

*FE – Fenomenologia do Espírito*

*PhG – Phänomenologie des Geistes*

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1 CONSCIÊNCIA NATURAL.....</b>   | <b>14</b> |
| 1.1 CERTEZA SENSÍVEL OU SABER IMEDIATO: A VERDADE É UNIVERSAL .....                         | 14        |
| 1.1.1 A EXPERIÊNCIA SIMPLES ENTRE O OBJETO E O SUJEITO.....                                 | 15        |
| 1.1.2 DA UNIDADE CONCRETA DA CERTEZA SENSÍVEL PARA A VERDADE ALÉM DELA.....                 | 18        |
| 1.2 PERCEPÇÃO: DA ILUSÃO À VERDADE INCONDICIONADA.....                                      | 19        |
| 1.2.1 A EXPERIÊNCIA CONDICIONADA NO OBJETO.....   | 20        |
| 1.2.2 A EXPERIÊNCIA CONDICIONADA NO SUJEITO.....  | 22        |
| 1.2.3 A CONSCIÊNCIA NATURAL ADENTRA NO REINO INCONDICIONADO.....                            | 23        |
| 1.3 ENTENDIMENTO: A CONSCIÊNCIA NATURAL TEM SUA VERDADE AO SE RECONHECER NO OBJETO.....     | 24        |
| 1.3.1 O JOGO DA FORÇA.....  | 25        |
| 1.3.2 O INTERIOR DAS COISAS .....   | 26        |
| 1.3.3 DA INVERSÃO AO INFINITO.....  | 30        |
| <b>2 CONSCIÊNCIA-DE-SI NATURAL.....</b>   | <b>32</b> |
| 2.1 DO DESEJO A LUTA: A VERDADE DA CERTEZA DE SI MESMO DERIVA DO RECONHECIMENTO.....        | 32        |
| 2.2 A VERDADE SE ENCONTRA NO LIVRE-PENSAR: ESTOICISMO, CETICISMO E CONSCIÊNCIA INFELIZ..... | 35        |
| 2.2.1 O ESTOICISMO.....   | 35        |
| 2.2.2 O CETICISMO.....  | 36        |
| 2.2.3 A CONSCIÊNCIA INFELIZ.....  | 37        |
| <b>3 RAZÃO.....</b>   | <b>41</b> |
| 3.1 MOMENTO DA OBSERVAÇÃO.....  | 41        |
| 3.2 MOMENT DA AÇÃO.....   | 42        |
| 3.3 UNIFICAÇÃO: A CONSCIÊNCIA NATURAL TEM A VERDADE E CERTEZA DE TODA REALIDADE .....       | 43        |
| <b>4 HISTÓRIA.....</b>  | <b>45</b> |
| 4.1 A VERDADE É UM PROCESSO QUE SE DÁ NA HISTÓRIA .....                                     | 45        |

|                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b> | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>            | <b>51</b> |

## INTRODUÇÃO

É notável que na obra *Fenomenologia do Espírito* (1807) “Hegel quer nos conduzir do saber empírico ao saber filosófico, da certeza sensível ao saber absoluto, indo verdadeiramente “às próprias coisas”, considerando a consciência tal como ela se oferece diretamente” (HYPPOLITE, 1999, p. 26). Através dessa citação, podemos ter uma noção básica do objetivo que Hegel teve ao escrever sua principal obra *de juventude*. Assim, temos um itinerário que inicia pela consciência natural ingênua e abstrata, que pelo *impulso negativo* vai experimentando novos conhecimentos que lhe dão a *verdade*. Por outro lado, em um segundo momento, Hegel compreende a passagem da *consciência natural consciente de si mesma* para um nível mais elevado. Isto é, emerge o *espírito absoluto*<sup>1</sup> que é e faz história no tempo.

O objetivo parte da experiência da consciência natural. Ou melhor, junto a Hegel e sua *dialética idealista* ou *hegeliana*, pretende-se aqui analisar as etapas da experiência da consciência natural, com intenção de resolver, ou pelo menos apresentar uma resposta satisfatória, a seguinte pergunta: o que é a *verdade* para a consciência natural? Pois, “aquilo que a consciência toma como a verdade se revela ilusório; portanto, é preciso que abandone sua convicção primeira e passe a uma outra” (HYPPOLITE, 1999, p. 28). Hegel quer dizer que a *verdade* passa por mudanças. Por isso, não pode ser definida usando da convicção do senso comum, da lógica- analítica e mesmo de muitos sistemas filosóficos dogmáticos que existem, pois eles trazem uma resposta *fixa* conforme o objeto ou fato presenciado.

Nesse sentido, “para a consciência que está engajada na experiência, é sobretudo o caráter negativo de seu resultado que lhe causa surpresa. Punha inicialmente uma certa verdade que, para ela, tinha valor absoluto; perde essa verdade no curso de sua viagem” (HYPPOLITE, 1999, p.29). Hegel compreende a *verdade* passando por etapas que a consciência natural vai experimentando. Por sinal, a consciência natural se molda pela *dialética idealista*. Isto é, através do processo de *negação*, a consciência natural se expande por si, levando-a para *fora-de-si*, mas retorna a *si* com uma nova *verdade*.

Sabendo disso, adentra-se no itinerário da *verdade* na experiência presenciada pela consciência natural. Então, no primeiro capítulo apresentaremos a saga inicial da consciência natural para sair da ingenuidade e da abstração. Em seu percurso, tende a superar, primeiramente, a etapa da *certeza sensível*, a qual tem a *verdade* como universal. Ou seja, a

---

<sup>1</sup> Observação: neste trabalho não analisaremos a questão do *espírito absoluto* histórico. Nosso interesse é apresentar a *verdade* para a experiência da consciência natural.

consciência natural “descobre que o “aqui e agora” que acreditava suster imediatamente lhe escapa, essa negação da imediatez de seu saber é um novo saber” (HYPPOLITE, 1999, p. 30).

Vem à tona um segundo momento, o da *percepção*. Nessa etapa, a consciência natural visa condicionar a *verdade*, porém, cai num *universal incondicionado*. Isto é, a *verdade* se molda pela contrariedade, pois o objeto percebido, pela consciência natural se revela como *uno*, mas também como *múltiplo*. Portanto, temos um objeto que comunga de muitas propriedades que podem ser dependentes ou independentes ao mesmo instante.

No final do capítulo 1, abordaremos o *entendimento*. A consciência natural através de seu intelecto compreende o objeto por um saber moldado pelo *fenômeno*. Assim, “o sensível se resolve na força e na lei, que são precisamente obras do intelecto” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 113). Com isso, veremos que Hegel assimila a *verdade* formada pela descoberta da *autoconsciência natural*.

Seguindo, com o itinerário da *verdade* para a consciência natural consciente de si, adentramos no segundo capítulo que é a *consciência-de-si natural*. Iniciando o capítulo, tem-se o propulsor da autoconsciência natural que é o *desejo*. Hegel relata que o *desejo* se alastra além da posse de um objeto comum, mas faz com que a consciência-de-si natural procure a posse de outra autoconsciência natural. Desse modo, origina-se a famosa etapa da obra *Fenomenologia do Espírito* sobre a luta do senhor e do escravo. Portanto, esse trabalho se aprofundará no fato que, nesse conflito, a *verdade* se revela no *reconhecimento*.

Adiante, vai-se ao segundo momento do capítulo. Com a superação da luta do senhor e do escravo, Hegel aborda que a autoconsciência natural tem a *verdade* no *livre-pensar*. Surge, primeiramente, o *estoicismo* o qual se molda por um pensamento abstrato que tende a buscar um refúgio, se afastando do mundo. Posteriormente, entra a etapa do *ceticismo* que se molda pela *negação*. Contraria o que percebe no mundo. Por fim, no término do capítulo dois, mostra-se o sofrimento da autoconsciência natural na tentativa de encontrar o *imutável figurado* num *além-mundo*. Devido a isso, aparece a *verdade* pertencente ao interior da consciência-de-si natural.

No terceiro capítulo, o da *razão*, apresenta-se o fecho da autoconsciência natural que inclusive tem *certeza* e *verdade* de *si*. Então, Hegel apresenta a *consciência natural consciente de si mesma* como tendo a *verdade* de ser toda realidade, pois é uma unificação de *ser* e *pensar*. Descobre isso na *observação*, no *agir* e na *unificação*. Enfim, “a *razão* é dada pela autoconsciência que supera sua posição em relação ao mundo, encontrando neles seu próprio conteúdo” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 115).

No quarto e último capítulo, junto a Hegel, adentra-se em uma etapa em que a consciência natural *consciente de si mesma* sendo unidade, o qual tem *em-si e para-si certeza e verdade* de toda realidade, acaba que se deparando com uma nova experiência que é a *história da humanidade*. Tal situação mostrará que a *verdade* é um *processo* que se dá em cada povo de cada época, pois não existe apenas uma consciência natural consciente de si mesma, mas há várias consciências naturais conscientes de si mesma que, passando pelas experiências anteriores, saberão que a *verdade em-si* é um *processo* que vai se moldando pelo povo, que se produz culturalmente através da *história da humanidade*.

Enfim, é importante que o leitor ao ler esta pesquisa tente não condicionar a *verdade* em uma figura que lhe vem à consciência natural. Assim, é preciso ter flexibilidade, pois para Hegel a *verdade* é um *processo* no qual a consciência natural, através da *negação*, moldada pela *dialética idealista*, sempre conduzirá a consciência natural a uma nova reflexão, que em princípio parece algo perturbador por ser tão mutável, mas ao se chegar ao fecho do *processo*, torna-se libertador por expandir a consciência natural e tirá-la de uma visão bitolada da realidade.

## 1 CONSCIÊNCIA NATURAL

Primeiramente, ao adentrar no estudo da consciência natural “é indispensável compreender este ponto de partida de toda filosofia hegeliana - a intuição da vida ou do eu que se desenvolve ao se opor a si mesmo e ao reencontrar a si mesmo” (HYPPOLITE, 1999, p. 96). Em outras palavras, Hegel quer conduzir a uma reflexão na qual é necessário conceber a consciência natural vinculada a experiência da existência humana que é uma experiência formada numa relação com os objetos, com outras consciências naturais e a história da humanidade.

Nesse sentido, a consciência natural se desenvolvendo dialeticamente pela *negação*, sucessivamente significa que ela é uma existência que se constitui por uma nova experiência de vida *em-si* e *para-si* a cada momento. Com efeito, a consciência natural aparecendo como *intuição da vida* acaba por se moldar constantemente junto a um novo conhecimento de *verdade* perante as etapas que se apresentam a *si*.

Então, nesta fase da consciência natural se destaca: a experiência da *certeza sensível*, a experiência da *percepção* e a experiência do *entendimento*. Assim, neste capítulo, apresenta-se como a *verdade* é compreendida em cada uma dessas etapas. Sendo que, nesta experiência inicial da existência da consciência natural, existirá um jogo entre o sujeito e o objeto. Logo, a consciência natural, em um primeiro momento, é ingênua e abstrata, porém, ao se *negar* superará etapa por etapa, e chegará à conclusão de ser *consciência-de-si natural*. Vê-se tal itinerário;

### 1.1 CERTEZA SENSÍVEL OU SABER IMEDIATO: A VERDADE É UNIVERSAL

A consciência natural ingênua e abstrata tem como experiência inicial, o *saber imediato* ou *certeza sensível*. Ou seja, “o imediato em Hegel é o palpável, o momento inicial de um objeto, da realidade. O imediato é o acontecido. O que se pode conhecer aqui é muito pouco” (NOVELLI, 2013, p. 29). Em outros termos, nesta etapa, a consciência natural só apreende o imediato simples, um imediato que não está formado por conceitos.

Acontece que a experiência imediata em que a consciência natural participa parece ser a mais completa e rica, independente do espaço e do tempo o qual é apreendida. Ou ainda, pouco importa se tal *certeza sensível* ou *saber imediato* é analisado em seu lado interno, ou em seu lado externo, aparecerá para a consciência natural como à *verdade* em sua plenitude. Todavia,

nesta situação, ocorre um saber abstrato e pobre, uma *verdade* amparada por bases frágeis, algo passível de refutação.

Poder-se-ia perguntar nesse momento se a certeza sensível ou o saber imediato são a verdade e a resposta seria sim e não! Sim, porque a verdade em Hegel, é fruto de um processo, ou melhor, é o processo. Não, porque não se chegando ao termino do caminho o processo encontra-se incompleto (NOVELLI, 2013, p. 29).

Na *certeza sensível* ou *saber imediato*, a consciência natural passa por um movimento constante entre o sujeito e o objeto que “percorre três momentos: primeiro, se retém o objeto; em seguida, o sujeito; e enfim, o *saber* como a verdade ou a ‘essência’, por exclusão dos demais” (MENESES, 1985, p. 36). Desse jeito, pela pulsão da *negação* a consciência natural adentra na *essência* ou no *saber*. Melhor dizendo, a consciência natural experimenta a questão da *coisa que é este* (objeto) e também o *Eu que é este* (sujeito). Vê-se como se realiza tal processo.

### 1.1.1 A EXPERIÊNCIA SIMPLES ENTRE O OBJETO E O SUJEITO

Seguindo, através da *Fenomenologia do Espírito*, sabe-se que a consciência natural é um *Eu empírico* que, por sua vez, apreende primeiramente o *objeto-coisa*. Nesta experiência do *objeto-coisa*, é preciso ter em mente algo palpável apresentável aos sentidos. Isto é, algo cativante para a visão, para a audição, para o paladar, para o olfato e para o tato. Por exemplo, uma árvore, uma casa, o dia, a noite etc.

Nessa relação, tanto o *Eu empírico* como o *objeto-coisa* deve ser pensado de forma pura, simples ou singular, sem conceitos. Destarte, a consciência natural precisa se afastar da sua capacidade de atribuir qualidades e quantidades aos *objeto-coisas* apreendidos no imediato. Isso significa que, nesse momento inicial, o *Eu* deixa sua capacidade de representação e apenas sente o *objeto-coisa*, não atribuindo propriedade alguma.

Após a consciência natural experimentar tais passos, surge “a diferença-capital, a saber: que nessa certeza ressaltam logo para fora do puro os dois ‘estes’ já mencionados: um ‘este’ como *Eu*, e um ‘este’ como objeto” (HEGEL, 1979, p. 84)<sup>2</sup>. Então, o resultado desse momento da consciência natural se dá como um momento moldado por diferenças constituídas somente pela experiência do *saber imediato* ou *certeza sensível*. Ou seja, tem-se um *Eu-sujeito* que, em

---

<sup>2</sup> Observação: na parte da *certeza sensível* e da *percepção* optamos pela obra *Fenomenologia do Espírito*, da coleção *Os Pensadores*, traduzida por Henrique Claudio de Lima Vaz.



sua imediatez, sente o *objeto-coisa*. Contudo, ao mesmo tempo, o *objeto-coisa* faz com que o *Eu-sujeito*, também se saiba como *objeto*.

Além disso, acontece um *saber efetivo*<sup>3</sup> que se realiza por si durante a experiência que a consciência natural tem na *certeza sensível* ou *saber imediato*. Em outras palavras, existe uma diferença importante para a *coisa* e para o *Eu*, mas é preciso destacar que o *Eu* sempre sabe por si que ele existe na imediatez. Desse modo, “a própria *certeza sensível* deve ser indagada: Que é o *isto!*” (HEGEL, 1979, p. 85).

É preciso destacar que a consciência natural tem, na *linguagem*, um instrumento fundamental para questionar o *isto*. Pois através da *linguagem* é possível desvendar o porquê à *verdade* da *certeza sensível* se torna incompleta. Quer dizer, “se tomarmos o ‘isto’ sob o duplo aspecto de seu ser, como o ‘agora’ e como o ‘aqui’, a dialética que esse ser nele possuirá uma forma inteligível na medida da inteligibilidade de tal ser” (HEGEL, 1979, p. 57).

Em outras palavras, para compreender tal momento, anota-se por escrito “agora é noite” (HEGEL, 1979, p. 57). Então, após meio-dia, ao andar do tempo, a consciência natural ao verificar tal anotação chega a uma nova experiência. O que acontece, nesse exemplo, é que a anotação permanece conservada, mas ao mesmo instante ocorre um *saber* que não é o mesmo de quando foi feita a anotação. O *agora* traz um *saber* que mantém consistência, ou melhor, o *agora* é imediato e mediatizado. Dado que pode estar de dia ou de noite e vice-versa.

É importante lembrar que ele não é aquele *agora* que foi escrito ou anotado na *coisa*, porque o *agora* anotado se apresenta em algo determinado, pois é o *agora escrito*. O que queremos dizer, é que o *agora* que está se apresentando deriva de um *saber abstrato* e independente do momento sensível que é presenciado. Logo, o *agora* tem outros sentidos para a experiência da consciência natural.

Ou seja, Hegel justifica que, através da *negação* da *certeza sensível* ou *saber imediato*, tem-se o *agora escrito* e o *agora efetivo*. O primeiro pertence ao *Eu* e se molda apenas pela *coisa* e pela *linguagem*, enquanto o outro se acrescenta junto o *tempo efetivo*, o qual não precisa da consciência natural para se realizar. Mas claro, o único ente que pode reconhecer como o *tempo* funciona é a consciência natural, pois é o único que pensa.

Tal diferença que acontece nesse *saber imediato* ou *certeza sensível*, se denomina como *universal* e é o *mais verdadeiro*. Sucedendo que, com a *linguagem*, a consciência natural pode opinar e contradizer a *certeza sensível* ou *saber imediato*. Então, nesse contexto, a *linguagem* é relevante e muito importante para desvendar os diversos momentos que ocorrem na *certeza*

---

<sup>3</sup> Tal *saber efetivo* é o tempo usado por Hegel no termo *agora*.

*sensível*. Isso faz com que a consciência natural compreenda a *linguagem* em ter a capacidade de ser *mais verdadeira* que a *certeza sensível* devido a sua aptidão de enunciar o *universal* existente separado da *sensibilidade* ou do *objeto-coisa*.

Adiante, vem à tona o momento do *aqui*<sup>4</sup>, o qual também compartilha da mesma elucidação que o *agora*. Por exemplo, no caso do *aqui*, alguém pode ver uma árvore, porém se mudar de direção seu olhar pode ver uma casa ou outra *coisa*, tal movimento que existe no imediato, acaba por moldar o *aqui* sempre com um novo *saber*. Isso acontece não apenas com um único *Eu*, mas também com outras consciências naturais, cada uma tem seu próprio *aqui* e suas próprias experiências. “Novamente, portanto, *isto* se mostra como mediatizada ou como *universalidade*” (HEGEL, 1979, p. 57). Ou seja, tanto o *aqui* como o *agora* são constantes e independentes da situação sensível que sucede ao se presenciar algo palpável.

Em vista disso, a consciência natural segue investigando a *certeza sensível* ou *saber imediato*, tem ao seu lado a *linguagem* como instrumento para qualificar e desqualificar o imediato que é experimentado através dos sentidos. Assim, “a verdade da *certeza sensível* está no objeto meu, ou está no opinar” (HEGEL, 1979, p. 58). Em outras palavras “a força da verdade reside agora no *Eu*” (HEGEL, 1979, p. 58), porque é a consciência natural que apreende os *objetos-coisas* através dos seus sentidos. Ao mesmo tempo, a consciência natural, analisando, faz uma nova avaliação da relação do que é imediato e mediato durante o *aqui* e o *agora* presenciado.

Ela então reflete *agora* é noite e *aqui* *Eu* presencio uma casa, todavia um outro *Eu* tem no *agora* o dia e está presenciando no *aqui* uma casa. Ambas consciências naturais presenciam no *aqui* uma casa, mas em contextos diferentes, e não só isso, tal processo ocorre com todos os outros entes presenciados pelo *Eu* em seu *saber imediato*. O resultado desse movimento, é que cada *Eu* é singular a determinado momento presenciado. Portanto, não é possível afirmar que uma *verdade completa* pela *certeza sensível* ou *saber imediato* “é evidente que dizer aqui e agora, o que parece ser o mais determinado, é dizer de fato qualquer momento do tempo ou qualquer ponto do espaço” (HYPPOLITE, 1999, p. 102).

Por causa dessa situação cindida que ocorre na experiência imediata, Hegel acrescenta que ambas consciências naturais têm mais ou menos credibilidade. Consequentemente, a *verdade* de ambos os *Eus* têm o mesmo valor, fazendo assim que cada *verdade* desapareça uma na outra perante a *universalidade* de experiências que a *certeza sensível* ou *saber imediato* apresenta durante a sensação do imediato.

---

<sup>4</sup> Termo usado por Hegel para determinar a localização dos entes no espaço.

Aliás, o que se mantém nesse processo é a consciência natural como pertencente ao *universal*. Dado que, mesmo acontecendo vários momentos singulares onde cada *Eu* tem sua certeza, um visa uma árvore e o outro visa uma casa e vice-versa. Isso só foi possível pela *negação* que mediatiza cada momento sensível. Então, com a *negação* que ocorre na *certeza sensível*, onde um *Eu* nega o outro *Eu*, se origina um *saber universal*. Assim, cada consciência natural conclui que o “*Eu é universal como o agora, o aqui, ou isto em geral*” (HEGEL, 1979, p. 58). Por isso, mesmo o *Eu* sendo singular, ele está integrado numa multidão de *Eus* existentes.

O *aqui*, o *agora* e o *Eu* são *universais*. Hegel, sabendo disso, faz uma observação perante o método utilizado pela consciência natural em que tem a ciência como plena. Isto é, a ciência empírica moldada em observações determinadas apenas pela *certeza sensível* ou *saber imediato*, essa ciência se molda pela ilusão. Pois “na *certeza sensível* podemos visar um singular: o que não podemos é dizê-lo – quem desafia a ciência a deduzir ou construir a priori um singular, deveria antes dizer a coisa ou o singular que deseja: mas dizê-lo é impossível...” (MENESES, 1985, p. 37).

### 1.1.2 DA UNIDADE CONCRETA DA CERTEZA SENSÍVEL PARA A VERDADE ALÉM DELA

O sentido, “o singular pela própria certeza sensível é de fato seu próprio contrário, é seu universal mais abstrato” (HYPPOLITE, 1999, p. 102). Quer dizer que a consciência natural experimentou as etapas do sujeito e do objeto. Então, descobriu a existência de uma *universalidade* de situações para cada consciência natural. Tal situação formou novas experiências de não existir uma *certeza sensível* ou *saber imediato* que seja fixo. Nem a ciência empírica pode ter o *saber imediato* como princípio norteador de suas pesquisas. Portanto, temos na *certeza sensível* a ocorrência de múltiplas situações independentes, as quais moldam por si o ambiente e a cada consciência natural no presenciar.

A consciência natural, analisando o *objeto-coisa* e a *si*, assimila o movimento constante que existe no *saber imediato*, moldado pela *negação*. Usando o *aqui* e o *agora* verifica que cada *Eu* visa uma *coisa* singular. Isto é, cada consciência natural tem sua particularidade, pode ver uma casa, uma árvore, presenciar o dia ou a noite etc. Mas também, ao mesmo tempo, o *Eu* com a opinião consegue desvendar a universalidade na *certeza sensível*, pois falar casa ou árvore não se fica apenas em uma casa ou uma árvore, elas são múltiplas.

Em consequência, a consciência natural, ao presenciar os momentos sensíveis, acaba voltando-se a sua simplicidade, pois se vê na universalidade dos vários *Eus* existentes, e esses *Eus* indicam vários *aquis*, vários *agoras*, que dão um movimento dialético universal.

1. *Eu* indico o agora ele é afirmado como verdadeiro; eu o indico, porém, como algo que já foi ou como algo suprimido, suprimi a primeira verdade e 2. Afirmo agora como segunda verdade que ele já foi, está suprimido. 3. Mas o que já foi não é; suprimo o ter-sido ou o ser-suprimido, ou seja, a segunda verdade, e, assim, nego a negação do agora é (HEGEL, 1979, p. 60).

Em outras palavras, a consciência natural tem a universalidade no *agora*. Visto que, no *agora* tem muitas horas, tem muitos minutos, ou seja, muitos saberes ao mesmo tempo. E ainda o que acontece com o *agora* também acontece ao se indicar o *aqui*, pois ele pode estar na direita ou na esquerda ou em cima ou embaixo etc. Portanto, na experiência da consciência natural no *saber imediato* ou na *certeza sensível* ocorrem múltiplas relações e múltiplas experiências, as quais o levam a universalidade.

“Com efeito, ao dizer que só a coisa singular é verdadeira’, está dizendo um universal, pois toda coisa é singular. Então está afirmando como verdade um universal, na mesma sentença que atribui a verdade exclusivamente ao singular” (MENESES, 1985, p. 38). Devido a esse processo, muitas consciências naturais acabam se contradizendo, pois creem que o *objeto-coisa* singular é a *verdade absoluta*. Todavia, eles se enganam, visto que, a *verdade é universal*, porque o singular é abstrato.

Mal sabem tais *consciências céticas* que estão se negando ao mesmo tempo quando afirmam sua opinião. Elas ao falarem, por exemplo, *isto aqui é uma casa* ou *agora é noite*, só estão indicando o universal dos *infinitos agoras* e *infinitos aquis*, existentes ao mesmo tempo. No caso da casa ou mesmo qualquer outro objeto, existem múltiplas casas ou muitos objetos, e não apenas uma única casa ou único objeto visado.

Após todo esse processo, da *certeza sensível* ou do *saber imediato*, o qual é moldado pela *negação*, acaba se apresentando um novo momento para o itinerário da experiência da consciência natural. Enfim, conforme os conselhos de Hegel, se caso a consciência natural buscar algo singular, não terá êxito. Logo, tudo indica para a universalidade, é preciso então *perceber*.

## 1.2 PERCEPÇÃO: DA ILUSÃO À VERDADE INCONDICIONADA

O ponto de vista da percepção é o da consciência comum e, mais ou menos, das diversas ciências empíricas que elevam o sensível ao universal e mesclam determinações sensíveis com determinações do pensamento, sem tomar consciência que então se manifestam das contradições (HYPPOLITE, 1999, p. 115).

Seguindo, a consciência natural, através da *negação*, se desenvolve ao se relacionar consigo e com o objeto, busca se afastar do condicionamento que ocorre na *certeza sensível* de querer apreender o *isto*. Dado que, na *certeza sensível* ou *saber imediato a verdade é universal*, pois tanto o sujeito quanto o objeto não são compreendidos através de uma apreensão simples, imediata e determinada. Por isso, nesta etapa, a consciência natural como a ciência empírica se molda pela ilusão devido a querer condicionar o que é visado.

Então, adentrando na experiência perceptiva, a consciência natural se afasta da apreensão aparente da *certeza sensível*, torna-se nesta etapa apreensão necessária. Como visto, ambos sujeito e objeto participam de um movimento universal, no qual “procedem separadamente, ou seja, um é o movimento do indicar, o outro é o mesmo movimento, mas como algo simples: aquele é o *perceber*, esse é o *objeto*” (HEGEL, 1979, p. 63). Logo, ocorre um movimento entre o *Eu* que percebe e o *objeto* que é percebido pelo *Eu*.

Diferentemente, no capítulo anterior, foi apresentado que a consciência natural apreendia o objeto de modo singular e, conseqüentemente os dois caem num *universal*. Nesta seção, a consciência natural está com novas experiências devido a *negação*. Destarte, percebe múltiplas propriedades no objeto. “Com efeito, somente a percepção possui a ‘negação’, a diferença ou a multiplicidade na sua essência” (HEGEL, 1979, p. 63).

Em outras palavras, a consciência natural ao perceber se molda pelo *negar* e pelo *conservar*. Isto é, ela realiza um movimento do objeto para si como para outro ente tentando condicionar o que percebe, mas tal processo é falho. Conseqüentemente, essa nova experiência termina por levar a consciência natural ao encontro do conhecimento incondicionado. Enfim, vai-se à análise de tal processo que ocorre no momento do perceber.

### 1.2.1 A EXPERIÊNCIA *CONDICIONADA* NO OBJETO

Nesta etapa, “o sujeito começa a detectar algumas características determinadas do objeto da realidade que a consciência notou no momento anterior. A consciência percebe o real composto de coisas e estas coisas marcadas pela multiplicidade” (NOVELLI, 2013, p. 29). Nesse sentido, como visto, a consciência natural chegou ao *universal*. Quando visa um objeto,

chega a vários momentos singulares no *saber imediato*, algo que leva a consciência natural a abstração.

Ao mesmo tempo, o objeto percebido apresenta uma nova experiência devido a *negação*. Ou melhor, a consciência natural sabendo da existência do *aqui* e do *agora*, como apresentado anteriormente, refuta o objeto visto apenas como *certeza imediata*. Ele continua *universal*, mas no perceber visa-se várias propriedades. Isto é, o objeto, “tem duas faces: uma; é a multiplicidade das propriedades distintas e indiferentes entre si; a outra é a universalidade simples, distinta e independente dessas propriedades, mas que lhe serve de meio: a *coisidade*” (MENESES, 1985, p. 40).

Nesse *meio* as propriedades do objeto comungam sem se tocar. O *aqui* e o *agora* se desvanecem no *universal*. Para tal processo, se acrescenta o termo *também*, pois as propriedades universais se moldam num *aqui*.

Este sal é um aqui simples ao mesmo tempo é múltiplo, é branco, é *também* cúbico, *também* sávido, tem *também* um peso determinado. Todas essas propriedades nele coexistem com desenvoltura, não se penetram nem se afetam umas às outras e elas próprias participam da universalidade (HYPPOLITE, 1999, p. 120).

O *também* “é propriamente o puro universal ou o meio, a *coisidade* que reúne desse modo às propriedades” (HEGEL, 1979, p. 64). No sal, através do *também*, a consciência natural determina o branco, o sávido, a forma cúbica, o peso etc. Tal *coisidade* é uma simples unidade que se forma de uma comunidade que comunga das múltiplas propriedades que não se afetam. Logo, o branco é indiferente do cúbico, do peso, do sávido e vice-versa.

Nessa situação, para a consciência natural o *também* se torna algo que quer determinar o visado. Ela percebe uma individualidade das propriedades, ambas existem por si, são opostas. Assim, vem à tona um embaraço para a consciência natural, porque os objetos se moldam por opostos? “Este meio, portanto, tem de ser uma unidade exclusiva um *Uno*. É a essa coisidade, afetada pela negação simples que exclui o outro que chamamos *coisa*” (MENESES, 1985, p. 40).

Ou seja, no *meio* existem propriedades que convergem e formam a *coisa una* e, ao mesmo momento, no *meio* ocorrem divergências. Acontece um movimento oposto que nega a comunhão que molda a *coisa*, já que, o branco, o cúbico, o peso, os sávidos etc. são em si unidades exclusivas e diferentes uma da outra, mas esse contrário forma a *coisa*. Por tal questionamento, a consciência natural passa a perceber o *verdadeiro*, a constituição do objeto.

a) a universalidade indiferente e passiva: o ‘também’ de muitas propriedades; b) a negação simples: o uno, que exclui as propriedades opostas; c) a síntese dos dois momentos: a *coisa*, ponto focal da *singularidade*, irradiando uma *multiplicidade* (de propriedades) no meio da subsistência (MENESES, 1985, p. 40).

Contudo, Hegel assimila que tal experiência que a consciência natural faz quando percebe a *coisa*, leva-a a fomentar *ilusões*. Visto que a consciência natural se modifica conforme percebe o objeto. Ora, às vezes, o objeto é uno, outras vezes o objeto é múltiplo, fica num jogo de propriedades. Assim, surge um paradoxo, em que a consciência natural pode se moldar na *inverdade*.

Nesse jogo, a consciência natural participa de um círculo universal que fica entre a *certeza sensível* e a *percepção*. As vezes determina a *coisa*, mas também visa o indeterminado na *coisa*, esse jogo não leva ao *verdadeiro*. Assim, entre os momentos particulares e universais, emerge na consciência natural a *suprassunção*<sup>5</sup>. Logo, a consciência natural passa a se analisar a si própria, pois é ela quem faz a reflexão durante a experiência com o objeto percebido.

### 1.2.2 A EXPERIÊNCIA *CONDICIONADA* NO SUJEITO

Através da experiência anterior, a consciência natural percebeu que, inicialmente, apreende o objeto como *uno*, porém, voltando a *si* através da reflexão, consegue distinguir as múltiplas propriedades do objeto. Assim, compreende que é ela mesma que estrutura as propriedades da *coisa*. Hegel (1979, p. 67) diz: “Portanto, essa coisa somente é branca levada aos *ossos olhos*, ‘também’ sávida levada a *nossa língua*, ‘também’ cúbica levada ao *nosso tato*, etc”.

Ora, surge um novo paradoxo nessa relação entre a consciência natural e a *coisa*. Dado que, a consciência natural distingue a *coisa* como una e lhe atribui as diversas propriedades, mas perante o *também* a *coisa* se apresenta por si contendo múltiplas propriedades. Visto que, a *coisa*, no caso do sal, é branco, *também* cúbico, *também* salgado etc., Ou melhor, é a consciência natural quem atribui propriedades e dá unidade a *coisa*, que é algo que existe por si que não precisa da consciência natural para distingui-la.

A consciência natural “constata assim que não é somente ela, mas também a coisa, que tem em si a diversidade e o retorno sobre si mesma; possuindo, pois, duas verdades opostas”

---

<sup>5</sup> Termo criado por Henrique Cláudio de Lima Vaz para a palavra alemã *aufhebung*, em função dos limites de outros conceitos para captar o significado. Na relação entre o momento particular e o universal, isso na consciência natural, emerge a *suprassunção*: é um conceito que resume o movimento da consciência natural, pois ao mesmo tempo significa superação, aniquilação e conservação (é a expressão da fórmula *tese – antítese – síntese*).

(MENESES, 1985, p. 42). O jogo que ocorre na *coisa* de ser una e múltipla, similarmente acontece com a consciência natural. Então, “já que ambos têm ambos os lados, tem de admitir que a coisa é para-si, refletida em si, é também para outro; possui um ser duplo e diverso: não é para si o que é para outro” (MENESES, 1985, p. 42).

Devido a isso, acontece um momento de contradição entre a *coisa* e a consciência natural. Surge a alternativa da expressão *enquanto que*. Aliás, “por meio do *enquanto* evitamos a contradição e reservamos um ato de pôr em um Uno essas propriedades, ou melhor, essas *matérias livres*” (HYPPOLITE, 1999, p. 129). Como resultado, a consciência natural com suas capacidades percebe na *coisa* múltiplas propriedades e sua complexidade, mas atribui como algo inessencial a sua constituição enquanto tal.

Ao mesmo tempo, a consciência natural apreende a *coisa* no que acha ser o essencial. Ou seja, “ela constituiria a Coisa em si; separando-a das outras e mantendo-a em si mesma. Salvou-se por um ‘enquanto que’: a Coisa só é para si, *essente* e Uno, fora da relação com outro” (MENESES, 1985, p. 42). Consequentemente, tal relação só se equivale ao deixar de *ser-para-si* com o outro.

Porém, o *enquanto que* acaba se apresentando um jogo de palavras falho. Visto que, nesse processo, a consciência natural percebe que tal ideia da essência da *coisa* se molda numa relação *negativa absoluta*. “Ora, a negação referindo-se a si, equivale a suprassumir a si mesmo, ou seja, a ter sua essência em outro” (MENESES, 1985, p. 42-43).

Em outras palavras, no jogo da *percepção* o *enquanto que* se restringe, porque cada essência de cada *coisa* se suprassume na essência de outra *coisa*, existem mutualmente numa relação contínua. Aliás, a percepção e todas as *coisas* se suprassumem um no outro; tanto a essência como a inessência, tanto a consciência natural como a *coisa*, tanto o singular como o universal etc., ou seja, é uma relação que um depende do outro para confirmar sua existência.

### 1.2.3 A CONSCIÊNCIA NATURAL ADENTRA NO REINO INCONDICIONADO

Até então, a consciência natural condicionava os momentos da *percepção*. Assim, Hegel (1979, p. 71) relata que “esse entendimento, que se toma pela sólida consciência real é, no perceber, apenas o jogo dessas *abstrações*, e é em geral o mais pobre onde pensa ser o mais rico”. Perante tal analogia, chega-se a uma condição atribuída à consciência natural que diz ter *bom senso* e saber da *verdade* da *coisa*. Mal sabe ela que se constitui de sofismas, pois quando está observando o objeto, procura condicioná-lo. Então, em algumas situações afirma ser *verdade* e em outras afirma ser *inverdade*, se contradiz. Isto é, o *bom senso* da consciência



natural perceptível procura com os *tambéns* e com os *enquanto que*, salvar sua visão sobre a *verdade da coisa*, mas acaba se moldando com abstrações vazias, sem conteúdo *verdadeiro*.

Enfim, o *entendimento verdadeiro* só se constitui superando tudo que é *condicionado*. “Os pensamentos daquela universalidade e daquela singularidade, do ‘também e do uno, daquela essencialidade que está necessariamente vinculada com uma inessencialidade e de um inessencial que é, no entanto, necessário, e assim suprimi-los” (HEGEL, 1979, p. 72). A consciência natural tenta se conservar no *enquanto que*, mas cai em um *turbilhão* de abstrações que o levam a avançar ao reino do *universal incondicionado*.

### 1.3 ENTENDIMENTO: A CONSCIÊNCIA NATURAL TEM SUA VERDADE AO SE RECONHECER NO OBJETO

Seguindo, a consciência natural, se contendo apenas como perceptível, se atrela aos *objetos-coisas*. Porém, nesta etapa emerge o *entendimento*, surge então uma pergunta: “qual a consistência da verdade nesse momento? Manifesta-se aqui uma amplitude que antes não se apresentava. A verdade começa a alargar seu horizonte vencendo os limites do aqui e agora puros e a se projetar na direção do vir-a-ser” (NOVELLI, 2013, p. 29).

Em outros termos, a *verdade* agora se dá na mudança, passa a não se limitar mais a experiência da *percepção*, pois, nessa condição, a consciência natural se contradiz enquanto tende a querer determinar o que ouve, o que vê, enfim, o que sente. Nesta nova fase, a consciência natural se desenvolve refletindo ao mesmo tempo que está interagindo com a mudança que ocorre em sua experiência de vida ao se confrontar consigo e com os objetos.

Com efeito, ainda continua a aparecer para a consciência natural o *universal incondicionado*, isto é, “o objeto verdadeiro da consciência, ainda está como objeto dessa consciência – a qual ainda não apreendeu o *conceito* como *conceito*” (HEGEL, 2014, p. 106). Ou seja, primeiramente, a consciência natural intelectualizada ainda permanece com o conceito do objeto que é o *universal incondicionado*. Logo, só se tornará *conceito* como *conceito* quando refletir por si ao se entender com o outro.

Por conseguinte, nesse jogo de abstrações do *universal incondicionado*, a consciência natural, sempre em movimento de *ser-para-si* e *ser-para-outro*, então, concebe o objeto em sua forma e conteúdo. “Na figura do conteúdo, os momentos têm o aspecto sob qual inicialmente se apresentavam: o aspecto de serem, por um lado, um meio universal de muitas “matérias” subsistentes; e, por outro o uno em si refletido, no qual sua independência se aniquila” (HEGEL, 2014, p. 107).

Nessa situação, o objeto tem uma relação *em-si*, *para-si* e com o *outro*, é unidade e multiplicidade e ambos são independentes e dependentes em conteúdo e forma. Todo esse movimento que a consciência natural concebe, concentra-se em um meio termo que não se encosta, mas que se suprassume um no outro. Ou seja, eles, os objetos e suas propriedades, se necessitam de modo incondicionado para existir. Contudo, tal situação faz emergir contradições na relação objeto concebido e sujeito que concebe.

Por isso, veremos que, nessa relação reflexiva da consciência natural, ela busca se afastar da contradição do objeto, então, recorre ao jogo da força e busca a lei<sup>6</sup> que unifica e dissolve o sensível. Esse processo, honestamente, é algo que se desvela pela própria capacidade intelectual da consciência natural que, por sinal, o levará a ser consciente de si perante a *enxurrada* de conteúdo, ou melhor, de informações proveniente do objeto concebido.

### 1.3.1 O JOGO DA FORÇA

Todo esse movimento dialético derivou momentos contraditórios num *universal incondicionado*, com isso, a consciência natural, em sua experiência, concebe uma nova figura que é a *força*, então, tende a querer compreender a unificação e a dissolução do objeto. Isto é;

Um de seus momentos, a saber, a força como expansão das “matérias” independentes em seu ser é sua exteriorização; porém a força como o ser-desvanecido dessas “matérias” é a força que, de sua exteriorização, foi *recalcada* sobre si, ou a *força propriamente dita*. Mas em primeiro lugar, a força recalcada sobre si tem de exteriorizar-se; e em segundo, na exteriorização ela é tanto força *em-si* mesma *essente* quanto exteriorização nesse ser-em-si-mesmo (HEGEL, 2014, p. 108).

A consciência natural se depara com o *jogo de força* junto aos momentos do objeto. Primeiramente a *força* é compreendida como conceito. Depois, a consciência natural passa a estudar como a *força* se comporta fora de seu pensar, mas tal análise sobre a *força* tende a ser compreendida como operando por si, sem determinações pré-estabelecidas pela reflexão. A consciência natural, então, se depara com a existência de uma única *força* o qual se molda por dois momentos diferentes. Isto é, em tal unidade da *força* ocorre “a existência de duas forças, uma solicitada, outra solicitante” (MENESES, 1985, p. 46).

---

<sup>6</sup> É importante destacar que Hegel elaborou os conceitos de *lei* e *força* junto a filosofia da natureza de Newton, de Leibniz, de Kant, entre outros pensadores que fizeram parte de sua época, mas claro, ele buscou desenvolver sua própria concepção filosófica. Quem quiser se aprofundar no assunto em questão, indicamos a obra - *A noiva do espírito: Natureza em Hegel* (2010), pois nosso objetivo, neste texto, é apresentar o itinerário da verdade na experiência da consciência natural. Logo, temos a verdade como um processo que vai além da experiência científica, isto é, a *verdade* concebida, neste texto, ultrapassa a fase do entendimento.

Tal movimento da *força* já dá sinais de sua existência na etapa da *percepção*. Lá, a consciência natural em um jogo entre o sujeito e o objeto percebeu o *universal incondicionado*. Então, a consciência natural tem, no objeto, o *meio termo*, e junto percebe a unidade e a multiplicidade de propriedades. Agora, no *entendimento*, além de perceber, consegue, através de sua reflexão, unificar e dissolver o objeto em análise. Tal situação, para Hegel, se realiza pela *força*. Enfim, esse conhecimento de como funciona a *força* só é compreendido por uma consciência natural em fase intelectual, pois ela passa a ter à *força* como o unificador e o desmembrador do objeto.

Por conseguinte, a consciência natural, como dito, está no *entendimento*, porém, não deixa de estar atrelada ao *fenômeno* percebido. Nesse processo, primeiramente, a *força* só vem à tona como conceito objetivo, ou seja, é compreendida apenas se realizando no mundo exterior. Tal processo vinculado ao mundo objetivo desvanece quando a *força* se realiza, resta somente sua universalidade como conceito. Portanto, a realização da *força* como conceito objetivo se torna abstrato como no *universal incondicionado* do momento da *percepção*.

Apesar disso, a consciência natural pelo *entendimento* concebe “o movimento da *força*. Como resultado produzir-se-á o universal incondicionado como não objetivo, isto é, o interior das coisas” (MENESES, 1985, p. 46). Em outras palavras, a consciência natural tem, nesse momento, a *força* não mais apenas vinculada na realização dos momentos do mundo externo, mas a *força* passa a ser compreendida permanecendo *em-si-mesma*. Assim, surge o *interior das coisas* que é também denominado *suprassensível*.

### 1.3.2 O INTERIOR DAS COISAS

A consciência natural que chega ao *entendimento* se aproxima do conceito de *força*. Assim, conhece dois momentos que formam a *força*: “o solicitante [...] e, em contraste, a solicitada como força recalcada” (HEGEL, 2014, p. 111). Quer dizer a *força* é única, porém, efetiva-se *em-si-mesma* e na diferença ao se realizar. Sempre é bom lembrar que a *força* sempre fica em sua unidade, sem sofrer influência de algo que exista além dela.

Em outras palavras, a *força*, primeiramente externa, tem um *meio termo* independente, que dá forma e molda a matéria, e ambas se suprassume por si mesma numa interação própria. Então, a *força* se movimentando se desvanece e deixa de existir ao se realizar, apenas, fica o conceito universal. “O primeiro universal seria a força recalcada sobre si, ou a força como substância; mas esse segundo universal é o interior das coisas como interior – idêntico ao conceito como conceito” (HEGEL, 2014, p. 113). O primeiro momento, já exposto, é a *força*

se realizando no mundo externo da consciência natural. Por outro lado, no segundo, a *força* fica no âmbito do pensamento como puro conceito e se atrela ao *suprassensível*.

O *interior das coisas* se apresenta quando a *força* faz a consciência natural se voltar em sua reflexão. Tal momento, deriva quando a consciência natural distinguiu o *jogo da força* no objeto como momentos diversos, realizando-se numa unidade. Assim, se acontece no objeto o *jogo de força*, ora, então, acontece no sujeito também. Ou melhor, nesse processo, conhecemos um intermédio que é a *força*, e ela relaciona o *entendimento* com o *interior das coisas* e ambos desaparecem na aparência ou *fenômeno*, “já que o ser, que não passa de não-ser, é pura aparência universal, que constitui o interior” (MENESES, 1985, p. 47).

A partir dessa situação, a consciência natural tem seu *entendimento* e adentra ao *interior das coisas* num meio termo chamado *fenômeno*. Tal aparência esconde um interior objetivo, porém, a consciência natural, fazendo reflexões do objeto e de si, passa a entender a realidade, não apenas no *fenômeno*, mas adentra no “suprassensível como verdadeiro” (HEGEL, 2014, p. 114). Logo, a consciência natural apreendendo o *fenômeno* como mediador do *entendimento* e do *interior das coisas* se depara com a realidade *suprassensível*.

“O interior, ou além suprassensível [...] é o sensível e o percebido postos tais como são em verdade; pois a verdade de sensível e do percebido é serem fenômeno. O suprassensível é, pois, o fenômeno como fenômeno” (HEGEL, 2014, p. 16). Só que o *interior das coisas* ou *além da consciência* não é fácil de apreender, ou como muitas pessoas falam: é incognoscível saber o interior, mas Hegel faz uma analogia interessante sobre o *além da consciência*; “vem dar no mesmo: colocar um cego no meio dos tesouros do supra-sensível; ou um vidente nas puras trevas, ou na pura luz que encadeia: enxergaria tão pouco quanto o cego estes tesouros esplêndidos” (MENESES, 1985, p. 48). A consciência natural então se depara numa situação indecisa;

Resignar-se com o fenômeno e tomar como verdade o que se sabe não ser verdadeiro; ou então, povoar este vazio interior – que não é apenas vácuo das coisas objetivas, mas vácuo absoluto, de si e de todas as determinações da consciência- com sonhos: fantasias com que a consciência disfarça o despojamento deste santuário (MENESES, 1985, p. 48).

Embora tal explicação pareça ser obscura para a consciência natural, Hegel orienta que não devemos nos prender no *fenômeno*, pois ele é aparência e não pode ter *verdade plena*. Visto que, anteriormente, na *certeza sensível* e na *percepção* a consciência natural apreendeu o objeto como abstrato pertencente ao *universal incondicionado*. O objeto é unidade, mas também tem múltiplas propriedades que se relacionam em um meio termo denominado *coisidade*.

O mais acessível do *vazio interior*, para a consciência natural, são os sonhos ou as fantasias. Originam-se, por causa do *fenômeno* que é mediador do *entendimento* e do *suprassensível*. Em outras palavras, “é de notar que este interior (ou além supra-sensível) se origina do fenômeno, que é sua mediação; mais ainda: é sua essência e seu conteúdo” (MENESES, 1985, p. 48). Então, o *fenômeno*, por ser mediador, atribui conteúdo ao *suprassensível*, como os sonhos e fantasias que se realiza na consciência natural.

Sendo assim, a *força*, constituída pelos polos negativo e positivo, relaciona o lado interno com o lado externo do objeto, cria conteúdo para o *suprassensível*. Tal movimento leva a consciência natural a encontrar “um tranquilo *reino das leis*; certamente, além do mundo percebido, pois esse só apresenta a lei através da mudança constante; mas as leis estão também presentes no mundo percebido, e são sua cópia imediata e tranquila” (HEGEL, 2014, p. 118). O *suprassensível* é o fenômeno do fenômeno, um lugar que é apenas *vácuo*. Logo, se apresenta como *lapsos* do fenômeno.

A consciência natural intelectualiza considera o *interior das coisas* como algo universal, sem conteúdo. Contudo, “o jogo de forças emerge como único conteúdo a troca imediata de determinações, o movimento de se inverter e transpor” (MENESES, 1985, p. 48). Hegel compreende esse processo da *força* como uma *lei* que é capaz de inverter e transpor. Portanto, a *lei* da *força* emerge mediando e produzindo conteúdo ao *interior das coisas*, o qual, só a consciência natural, através do *entendimento*, pode reconhecer esse movimento.

Em vista disso, a *lei* vem a ser um elemento essencial por ser algo relevante perante o *fenômeno* ou *aparências* captadas pela consciência natural. Então, Hegel apresenta as *leis determinadas*, ou seja, em cada momento no mundo efetivo, se realiza um ato qualquer que emerge a *lei* da *força*. Ora, mas surge algo imperfeito, pois a consciência natural se depara no mundo efetivo com múltiplas leis. Então, “a verdade do entendimento tem de ser a unidade em si universal; e assim tem de fazer coincidir as leis múltiplas numa só lei universal, como a lei da atração universal, que regula tanto a queda dos corpos quanto do movimento das esferas” (MENESES, 1985, p. 49).

Todavia, quanto mais universal é a *lei*, mais superficial ela é, pois, em vez de formar uma unidade determinada, ocorre um momento de abolição do determinado, algo que está presente nos momentos *fenomênicos*. Mas nem tudo está perdido, Hegel vê vantagem na *lei universal*<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Destacamos à interpretação de Chagas (2010, p. 96) sobre o conceito de lei, ele diz: Hegel chama a atenção para o fato de que a lei é necessária, mas sua necessidade não é uma necessidade, mas uma palavra vazia, abstrata, visto que ela é meramente uma definição ou um conceito do entendimento, uma identidade formal ou uma essência, na qual não está contida a existência; ou, com outras palavras, a lei como lei, necessária, não está posta no objeto mesmo. Essa lei universal, enquanto força simples ou diferença interna, é obra do entendimento, por isso seu

por suprasumir o determinado. Tal situação leva a consciência natural, através do *entendimento*, a buscar calma no *interior* da *lei* por *necessidade*.

Então, todo movimento ocorre devido o *jogo de forças* que é a *lei*, o qual se constitui por momentos independentes e momentos simples em si-mesma. Tudo ocorre no *calmo reino das leis*. Hegel, para explicar melhor, traz como exemplo à *força gravitacional*, o qual age por *necessidade*. No caso, o espaço e o tempo são como a *raiz* e o *quadrado*, ou seja, comportam-se do mesmo modo. Por que é assim? “‘Tem a lei de ser assim’, ou, ‘a propriedade de se exteriorizar assim’” (MENESES, 1985, p. 50).

Ou ainda, “o movimento que se ‘divide’ em espaço e tempo ou distância e velocidade. São termos indiferentes entre si e o nexos entre eles não é necessário: nada há na essência de um que postula o outro” (MENESES, 1985, p. 50). Hegel, deixa claro que se refugiar no termo *necessidade* parece ser *vazio*, mas é assim que a *lei universal* funciona, é difícil de explicar, isto é, ele tem essa situação como um momento formal que a consciência natural desenvolve por necessidade de entendimento. Portanto, o entendimento tem na *lei universal* uma concepção analítica, do *calmo reino das leis*, que lhe atribui uma *tautologia*.

Com efeito, tal movimento tautológico é indiferente, pois cada *lei* tem sua própria particularidade. Por exemplo, a distância não depende da velocidade para se realizar e vice-versa, e ainda ambas podem se associar sem perder sua individualidade. Outro exemplo que Hegel usa para explicar a *necessidade* da *lei* é com a eletricidade, a qual se constitui pelos polos positivo e negativo. Isto é, “a ‘força’ eletricidade é constituída de tal forma que ao se exteriorizar surgem as cargas positiva e negativa, que desaparecem uma na outra” (MENESES, 1985, p. 50).

Por fim, isso demonstra que a *lei* e a *força* são, *em-si* necessárias para o *entendimento*. Elas são uma *tautologia* que podem ser faladas de várias maneiras que irão funcionar do mesmo jeito. Isto significa, “a força tem a mesma estrutura que a lei, o mesmo conteúdo, a mesma constituição” (MENESES, 1985, p. 50). Portanto, a consciência natural tem elas como diferenças que funcionam juntas ou separadas, em *perfeita harmonia*.

---

aspecto necessário não é real, exprime apenas a própria necessidade do entendimento; a lei universal é aquela diferença inter- na, a diferença inerte, puramente subjetiva, que reside somente nas palavras do entendimento; uma diferença sem diferença, uma diferença que não exprime nenhuma diferença do objeto mesmo (§ 154° PhG). Se as diferenças nada são em si, pois elas têm o mesmo conteúdo, a mesma constituição, a saber, a diferença interior, a diferença única da lei, dada pelo entendimento, então a diferença como diferença de conteúdo, isto é, do objeto, está, na lei geral (na pura força), descartada. Assim sendo, a explicação (*Erklärung*) que descreve os diversos momentos ou ciclos constituídos da lei necessária, universal, recai não no objeto, mas só no entendimento, resultando daí um movimento analítico, puramente tautológico, formal do entendimento consigo mesmo. Nesse movimento tautológico, o entendimento deixa de lado o objeto e descobre somente a si mesmo; ele nada diz acerca do objeto mesmo, mas apenas persiste no seu próprio objeto, que é a unidade tranqüila do objeto, o reino calmo das leis universais, elaboradas por ele mesmo (§ 155° da PhG).

### 1.3.3 DA INVERSÃO AO INFINITO

Mas, nesse jogo do *reino calmo das leis* ocorre um suprasumir. “A experiência, de que as diferenças não são diferenças, exprime-se como lei do interior, a saber: que ‘o homônimo se repele fora de si mesmo, enquanto o heterônimo se atrai’” (MENESES, 1985, p. 50). Em outras palavras, o *calmo reino das leis* é identidade, mas também é diferença, são dois mundos contidos num único mundo que se chama *mundo invertido*.

Melhor dizendo, no primeiro mundo a consciência natural, através da *percepção*, acaba por cair no *universal*, já o segundo mundo, o *suprassensível*, é invertido; o polo positivo e o polo negativo se movimentam, ou seja, ambos mudam de lado e tudo ocorre num único mundo. Hegel diz, por exemplo, “seria dizer que o doce ao paladar é amargo na realidade da coisa; ou que o crime externo é interiormente boa ação ou intenção” (MENESES, 1985, p. 51). Isto é, o mundo da *percepção* se transforma em dois, em que um é apreendido pelos sentidos e o outro pela imaginação.

Com Hegel, o crime percebido com os sentidos é bárbaro, porém, pode ter boa intenção, além disso, usando da reflexão, sabemos que a lei penal trará reconciliação para o infrator. Ou ainda, “o fluxo magnético que fora do imã vai do mais para o menos, dentro dele vai do menos para o mais” (MENESES, 1985, p. 51) ou “o polo que é positivo, visto de dentro da pilha, é o mesmo que é negativo visto de fora” (MENESES, 1985, p. 51). Enfim, as analogias de Hegel servem para explicar a existência do *mundo invertido* em um *Infinito*, pois só nesse âmbito pode ter o igual, o diferente, a contradição, a força, a lei, a tautologia, a inversão...

Por meio do infinito, a força é lei, como um homônimo que é rejeição de si mesmo, ou igual que é, em si mesmo diferença [...] A lei unifica por meio do Infinito os momentos em que divide o movimento, já que nele, tempo e espaço, distância e velocidade pode ser ao mesmo tempo independentes e necessariamente unidos [...] Pelo Infinito, a lei faz que os termos opostos passem um para outro, e que ao se realizarem se suprasumam, porque cada termo é em si mesmo seu oposto e negação (MENESES, 1985, p. 52).

Consequentemente, Hegel denomina o *Infinito* como a *essência simples da vida, como a alma do mundo*, como o *sangue universal*, mas essa essência onipresente traz consigo a diferença que é o *finito*, e todos os momentos se suprasume um no outro. Com efeito, tal processo, ao ser apreendido pela consciência natural, que passa pela experiência da *certeza sensível* da *percepção* e do *entendimento*, acaba por conhecer o *Infinito objetivado*, no qual faz-lhe se identificar a si mesma por se reconhecer nele.

Enfim,

a identificação dos mundos opostos (do reino calmo das leis e do mundo invertido) faz com que surge o conceito do infinito e esse revela a consciência-de-si. A passagem da consciência à consciência-de-si ocorre neste momento, quando a consciência se reconhece no objeto (SALVADORI, 2010, p. 11).



## 2 CONSCIÊNCIA-DE-SI NATURAL

Seguindo com Hegel, no capítulo anterior, foi apresentado o processo do desenvolvimento da consciência natural, em torno da *verdade* daquele momento, inicialmente querendo condicionar o objeto, depois aceitando o *universal incondicionado*. Aliás, ela em constante movimento, produzido pela *negação*, foi adquirindo novas experiências reflexivas. Assim, através da *certeza sensível*, compreendeu a *verdade* como algo universal. Na *percepção*, a *verdade* se apresentou no objeto como um *universal incondicionado* e, por fim, através da *força* e da *lei* junto ao *entender*, conheceu o *infinito*. À vista disso, tornou-se autoconsciência natural, pois tem a *verdade* de pertencer a si mesma por se reconhecer no objeto.

Nesta nova etapa, a consciência natural não está mais apenas atrelada ao objeto, mas o subjetivo vem à tona, assim, se inicia o momento das relações sociais<sup>8</sup>. Por isso, veremos a *verdade* diferentemente do processo anterior, ou seja, a *verdade*, neste momento, pertence ao sujeito. Então, agora pelo *desejo* e na *luta*, a consciência natural consciente de si quer reafirmar sua *verdade* pelo *reconhecimento* de outra autoconsciência natural igual a si. Todavia, tudo desvanece e ambos *eus* acabam indo ao encontro do livre pensamento: do *estoicismo*, do *ceticismo* e da *consciência infeliz*. Logo, tudo isso originará uma nova *verdade* à *razão*.

### 2.1 DO DESEJO A LUTA: A VERDADE DA CERTEZA DE SI MESMO DERIVA DO RECONHECIMENTO

A partir desta etapa, a consciência natural se torna autoconsciência natural que entende a identidade e a diferença entre ela e o objeto. Com efeito, neste momento, surge o *desejo*<sup>9</sup>, mas não apenas um *desejo* de consumo vinculado a qualquer *coisa*<sup>10</sup>, mas sim, “o objeto do desejo

<sup>8</sup> INWOOD (1997, p. 276) diz: “em *FE*, IV. A, e *Enc.* III, §§ 430-5, Hegel associa o reconhecimento à \*AUTOCONSCIÊNCIA, mas, em outras passagens, a associação é com a \*PESSOA. *FE*, IV.A, é difícil por muitas razões: (i) procura responder não só à questão “O que é requerido para a autoconsciência?”, mas também “Como se originaram as relações sociais?”. Por isso postula uma luta quase-hobbesiana por reconhecimento. (Em *Enc.* III, § 432 A, Hegel admite que essa luta pertence ao estado de natureza, e que num ESTADO moderno a reconição é assegurada por outros meios) ”.

<sup>9</sup> O eu simples “ao elevar-se à consciência-de-si, ele precisa retirar o Outro da nulidade em que jaz, para nele encontrar a verdade de si mesmo, vem a ser, a verdadeira certeza da própria autonomia. Por isso a consciência-de-si é *desejo*” (SANTOS, 2007, p. 188).

<sup>10</sup> “A natureza não oferece à consciência-de-si a certeza de sua verdade (pois a verdade natural é apenas genérica)” (SANTOS, 2007, p. 198).

imediatamente é um *ser vivo*” (HEGEL, 2014, p. 137). Assim, todo ente que está fora da autoconsciência natural tem sinal negativo, tanto a *coisa* quanto um *ser vivo*<sup>11</sup>.

Agora, a consciência-de-si natural tem em sua vida o desejo de ter outra autoconsciência natural que é igual a si. Isto é, acontece que ambos os *eus* operam reflexivamente e são *em-si* e *para-si* e, através do desejo, buscam afirmar sua *verdade*. Assim sendo, eles sabem que são seres finitos e fazem parte de uma *essência infinita* que suprassume todas as diferenças e individualidades de cada *coisa* e de cada consciência-de-si natural. Tudo isso mostra que a vida é universal e está num constante fluir, ou melhor, neste mundo orgânico, ocorre um eterno *vir-a-ser*, onde os seres vivos nascem, crescem e morrem, até mesmo as *coisas*, que são inorgânicas, desvanecem neste *infinito*.

Contudo, tal transformação constante, provocada pela *negação*, não impede que a consciência natural consciente de si se saiba como única. Devido a isso, se origina um momento em que deriva um *duplo fluir*, formado por existir no mundo várias autoconsciências naturais sabendo de si. Ou seja, “cada uma vê a outra fazer a mesma coisa que ela faz; executa o que da outra exige; faz o que faz enquanto a outra o faz também” (MENESES, 1985, p. 59).

Esse movimento entre as consciências-de-si naturais, para Hegel, é semelhante ao processo que ocorre no *jogo de forças* do objeto<sup>12</sup>. Ou seja, neste momento, os polos extremos (o *em-si* e o *para-si* ou o positivo e o negativo), do sujeito, acabam que mudando de lado constantemente e se deslocam para *fora-de-si* e retornam a si. Conseqüentemente, no caso das autoconsciências naturais, elas podem se ver numa outra autoconsciência natural, pois são semelhantes. Assim, o que é para uma é igual para outra e ao mesmo tempo não é igual. Com efeito, ambas se reconhecem *em-si*, *para-si* e no *outro*.

Por isso, o jogo dos polos extremos termina como mediador do meio termo que é o sujeito (si). Isto significa, eles unem e desunem as duplas autoconsciências naturais, através do movimento que ocorre entre os polos extremos. Mas, como tal situação se molda pela *negação*, então, surge uma desigualdade, na qual uma autoconsciência natural será reconhecida, enquanto que, a outra só reconhecerá. Com efeito, para Hegel, surge a luta entre as consciências-de-si naturais, uma será o *senhor* e outra será o *escravo*.

#### As autoconsciências naturais

<sup>11</sup> “Primeiro, a essência da vida é a infinitude coma supressão de todas as diferenças, quer dizer, é o movimento puro que gira em torno de seu eixo, ou o *repouso de si mesma na infinidade absolutamente inquietada*; segundo, é a própria auto-subsistência na qual as diferenças se resolvem [...] As diferenças entre si dos membros que compõem a substância da vida são momentos finitos da infinitude que nela se manifesta” (SANTOS, 2007, p. 186).

<sup>12</sup> Naquele momento “a força, subdividiu-se em duas, em “solicitante” e “solicitada” (com reversões de funções), de modo a exibir a pura contradição-em-si que a atravessa de alto a baixo. Ela é o desaparecimento continuado de si, ou o tornar-se sempre outra” (SANTOS, 2007, p. 181).

devem travar essa luta porque precisam elevar à verdade, no outro e nelas mesmas, sua certeza de ser-para-si [...] O indivíduo que não arriscou a vida pode bem ser reconhecido como *pessoa*; mas não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma consciência-de-si independente (HEGEL, 2014, p. 145).

Entretanto, tal luta não pode chegar a um ponto no qual uma das autoconsciências naturais morra. Dado que a morte é o fim da existência da vida, conseqüentemente, se origina o fim do *reconhecimento* entre as consciências-de-si naturais. Portanto, o *reconhecimento*<sup>13</sup> é o status que afirma a *verdade* da certeza de si mesmo do sujeito.

No pós-luta, o vencedor se torna o *senhor*. Como resultado, ele aproveita sua vitória perante o *escravo*, o qual, contra a vontade, torna-se o perdedor. Desse modo, o *senhor* sendo independente é *em-si e para-si*, então, com a vitória conquistada, acaba por se beneficiar, pois gozará das *coisas* que o *escravo* transforma e produz no dia-a-dia. Por outro lado, o *escravo*, também é consciência-de-si natural, porém, ainda não sabe, pois depende do *senhor* nas decisões do que deve fazer ou não fazer perante as atividades cotidianas.

O resultado da derrota é que o *escravo* termina por ser o mediador da *coisa* produzida e do *senhor* que é seu chefe. Ou seja, ser *escravo* é se tornar um subordinado, dessa maneira, o resultado de tal escolha, lhe trouxe o dever de trabalhar e transformar a natureza em alguma *coisa* que o *senhor* gozará. Logo, tudo isso aconteceu, “pois ele sentiu o medo da morte, do senhor absoluto” (SANTOS, 1993, p. 132).

Mas ao passar do tempo, a *negação* inverte os polos dialéticos, eles (o senhor e o escravo) mudam de lado. Hegel então diz: “precisamente no trabalho, onde parecia ser ela *um significado estranho* a consciência servil encontra-se a si mesma e encaminha-se para encontrar *seu significado próprio*” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 114). Em outras palavras, o *escravo* (consciência servil) acaba desenvolvendo uma relação construtiva com o trabalho. Isto é, no trabalho, ele desenvolve a *sabedoria*, pois o labor adentra o escravo. Como resultado, “toma o senhor por sua verdade; porém, ao fazer a experiência da pura negatividade e do ser-para-si, já tem a verdade em si mesma” (MENESES, 1985, p. 62).

Nesse momento, Hegel compreende que a *verdade*, para o *escravo*, já aparecia através da *angústia* que sofreu perante a luta com o *senhor*. Tal *verdade*, só se desvela para o *escravo* no trabalhar, pois o trabalho educa a consciência servil a ser independente da *coisa*, o qual é

---

<sup>13</sup> INWOOD (1997, p. 275) diz: “em *FE*, IV.A, onde Hegel se ocupa da luta pelo reconhecimento, ele não está tratando do problema de “outras mentes”, no nosso direito epistemológico a ver outros como pessoa (e dos outros a nos ver como pessoa), mas do problema de como nos *tornamos* uma pessoa plenamente desenvolvida pela obtenção do reconhecimento de nosso status por parte de outros”.

transformada e produzida para o *senhor* gozá-la. Sendo assim, o *escravo* acaba por se reconhecer *em-si* e *para-si* no trabalho e no *senhor* que é seu *chefe* e lhe atribui as ordens do que tem que fazer perante o labor.

Por outro lado, Hegel pondera que o *senhor* não se reconhece no *escravo*, já que, a consciência servil se torna para o *senhor* como uma *coisa* qualquer, e não só isso, o *senhor* também desaprende a transformar e produzir as *coisas* de subsistências. Com tal situação, o *senhor* se torna dependente do *escravo* que é quem trabalha e transforma os objetos que são utilizados como subsistência.

O resultado desse movimento é que ambas as autoconsciências naturais se necessitam, ou melhor, elas acabam que encontrando *reconhecimento* uma na outra, pois ambas são, ao mesmo tempo, dependentes e independentes. À vista disso, a autoconsciência natural, tanto do *senhor* como do *escravo*, está num constante fluir. Então, na *negação*, superam-se os momentos do *desejo* e do *reconhecimento* dos sujeitos. Com efeito, surge uma nova etapa que é a busca da *liberdade de pensar*.

## 2.2 A VERDADE SE ENCONTRA NO LIVRE-PENSAR: ESTOICISMO, CETICISMO E CONSCIÊNCIA INFELIZ

Seguindo, analisamos a autoconsciência nobre (*senhor*) e a autoconsciência servil (*escravo*). Esta se encontra como pertencente a si através do medo e do trabalho, e tem o *senhor* como um elo *para-si*. Por outro lado, o *senhor* com sua independência consegue abstrair seu *eu*, mas esquece a importância das atividades laborais para a vida, então, não atinge plenamente o *reconhecimento*.

Sendo assim,

o resultado desse conflito aponta para o desequilíbrio de forças: o *senhor* se torna *escravo* do *escravo*, pois “dele depende para subsistir” e não é, pois, a essência formada; o *escravo*, cuja essência humana se formou na disciplina do servir, é livre, mas sua liberdade “está fora de si, no outro” (no *senhor*); da liberdade ele tem apenas o conceito (SANTOS, 2007, p. 208).

Com efeito, devido a tal movimento dialético, entre o *senhor* e o *escravo*, surge um novo momento para a autoconsciência natural, que é a liberdade de pensar, ou seja, se origina o *estoicismo*, o *ceticismo* e a *consciência infeliz*.

### 2.2.1 O ESTOICISMO

Neste sentido, temos uma nova figura, da qual emerge “uma consciência que é para si mesma a essência como infinitude ou puro movimento da consciência: uma consciência que *pensa*, ou uma consciência-de-si livre” (HEGEL, 2014, p. 152). Neste momento, a autoconsciência natural se molda por seus próprios conceitos<sup>14</sup>. Dessa maneira, ela se afasta dos momentos provenientes de algo *fora-de-si* como relações desejosas que envolvem as *coisas* e outras consciências naturais que também se sabem a *si*.

Então, para *fugir* da etapa anterior, se apresenta primeiramente a consciência-de-si natural à liberdade do pensamento estoico: “seu princípio é que a consciência é essência pensante e que uma coisa só tem essencialidade, ou só é verdadeira e boa para ela, na medida em que a consciência aí se comporta como essência pensante” (HEGEL, 2014, p. 152). Ou seja, no estoicismo, a superação da consciência-de-si natural, tanto para o *senhor* como para o *escravo*, se efetiva na liberdade de pensar abstratamente. Portanto, “a liberdade no pensamento tem somente o *puro pensamento* por sua verdade; e verdade sem a implementação da vida” (HEGEL, 2014, p. 153).

Por esse motivo, a questão de dependência e independência da consciência nobre (senhor) e da consciência servil (escravo) se torna algo indiferente. Mas tal refúgio ao abstrato leva Hegel a fazer críticas ao método da concepção estoica, pois tal liberdade fica somente no pensamento, ou seja, é uma liberdade de vida falha, pois se afasta da interação com a realidade cotidiana que envolve paixões e sentimentos.

Devido a isso, a liberdade do estoico acaba o afastando dos desejos e das situações afetivas do dia-a-dia, pôr o refugiar na própria mente. Consequentemente, lhe falta ação para desenvolver *liberdade viva*. “Porque é só expandindo-se que a ação encontra um conteúdo para o bem, e o pensamento, para a verdade” (MENESES, 1985, p. 65). Logo, o estoico por não agir perante as relações da vida cotidiana, termina por se moldar por abstrações sem conteúdo ou abstrações sem significado que o levam, devido a *negação dialética*, ao *tédio*, que, por sinal, é um *sentimento* e, com Hegel, aprendemos que uma das funções do estoicismo é se desvencilhar das afetividades através do *puro pensar*.

### 2.2.2 O CETICISMO

---

<sup>14</sup> “No pensar, *Eu sou livre*; porque não estou em um Outro, mas pura e simplesmente fico em mim mesmo, e o objeto, que para mim é a essência, é meu ser-para-mim, em unidade indivisa; e meu movimento em conceitos é um movimento em mim mesmo” (HEGEL, 2014, p. 152).

Mas, a autoconsciência natural em constante suprassunção chega a uma nova experiência que lhe leva a liberdade de pensar com efetividade real, isto é, com conteúdo. Assim, surge a etapa do *ceticismo* que “é a realização do que o estoicismo era somente o conceito; - e a experiência efetiva do que é a liberdade do pensamento: liberdade que *em-si* é o negativo, e que assim deve apresentar-se” (HEGEL, 2014, p. 154). Em outras palavras, o cético, em vez de manter sua autoconsciência natural afastada do mundo (o outro), como o estoico que fica no *puro pensar*, age negando o mundo percebido.

Ou ainda, para Hegel, o “estoicismo corresponde à relação senhor e escravo, no momento do simples conceito da consciência independente; e o ceticismo, no momento do desejo e do trabalho, realização dessa consciência enquanto atitude negativa para com o outro” (MENESES, 1985, p. 66). Ou seja, para o cético, as diferenças entre o *senhor* e o *escravo* não se apresentam apenas no *puro pensar*, mas se encontram nas realizações junto às relações sociais da vida cotidiana vinculadas ao *desejo* e ao *trabalho*. Claro, é preciso ter em mente que o cético se efetiva na *negação* do *outro*.

Em sequência, ele (o cético) vivendo de tal modo consegue pensar livremente porque nega o que o pensamento tem como certo, isto é, o cético nega *seu* próprio pensar, enquanto está interagindo com a realidade do mundo presenciada. Consequentemente, tal situação, molda-se por contradições, pois “no ceticismo a consciência se experimenta em verdade como consciência em si mesma contraditória” (HEGEL, 2014, p. 157). Em outros termos, o cético percebe as *coisas* em conteúdo e forma, porém, diz não perceber; o cético afirma não seguir princípios éticos, mas segue; o cético afirma algo que não é, mas é.

Enfim, o cético se molda por um livre pensamento, contudo, devido a sua *ataraxia* e *teimosia* ao negar o mundo (outro) real, em seu conteúdo e forma, ele (o cético) se contradiz, pois não distingue o que é singular e o que é universal, então, termina por se constituir como uma autoconsciência natural cindida.

### 2.2.3 A CONSCIÊNCIA INFELIZ

Por conseguinte, a autoconsciência natural supera o *ceticismo* formado pela cisão. Isto é, surge um novo momento, à consciência infeliz; “que é a consciência de si “duplicada” ou “desdobrada” e no *aspecto imutável* e no *aspecto mutável*; o primeiro é considerado como coincidente com um Deus transcendente, e o segundo com o homem” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 114).

A autoconsciência natural infeliz passa a apresentar uma situação próxima a luta do *senhor* e do *escravo*, mas não no mundo como *luta de vida e morte*, onde um será submisso e ter que transformar as *coisas* e o outro gozará delas. Mas sim, ocorrerá um conflito interno na própria autoconsciência natural infeliz, ou seja, ocorrerá dentro do sujeito um movimento reflexivo, querendo encontrar o *divino imutável* em um existir *humano mutável*.

Apesar desse movimento causar *sofrimento* para a autoconsciência natural infeliz, pois está cindida, ele é necessário para unir o *mutável* (homem) e o *imutável* (Deus transcendente) numa síntese em que Hegel chama *razão*<sup>15</sup>. Ou seja, a autoconsciência natural infeliz busca elevar seu pensamento ao nível do *imutável figurado* (Deus transcendente) que num primeiro momento é *não-figurado*, mas posteriormente se torna uma relação com algo *além desse mundo*.

Então, vê-se como a autoconsciência natural infeliz cindida, ainda que livre, quer atingir seu objetivo de encontrar com um *Deus transcendente*, que é pertencente a um mundo paralelo ao que se apresenta a realidade humana. São três momentos: “1º) – como *pura consciência*; 2º) – como *essência singular* que se comporta ante a *efetividade* como desejo e trabalho; 3º) – como *consciência de seu ser-para-si*” (HEGEL, 2014, p. 162).

Adiante, como *pura consciência*, Hegel expõe que a autoconsciência natural infeliz devido a imperfeição presenciada pela contrariedade entre a *consciência mutável* (pura) e a *consciência imutável* (figurada), forma uma situação superior a situação do pensamento abstrato estoico, ou do pensamento singular que não repousa do cético. Ou seja, neste momento, ela, como *consciência infeliz*, passa pelo pensamento singular abstrato e incessante para, então, reconciliá-los com intenção de encontrar o *imutável figurado*, o qual também é pensamento puro e essência singular, um pensamento formado por *fervor devoto*.

“Seu pensamento, sendo tal, fica em um informe badalar de sinos, ou emanação de cálidos vapores; um pensar musical que não chega ao conceito, o qual seria a única modalidade objetividade imanente” (HEGEL, 2014, p. 163). Tal concepção, está presente na *religião medieval*, o qual se molda por um sentimento nostálgico e cindido. Tal momento, leva a autoconsciência natural infeliz a acreditar ter encontrado um *além inatingível* que, na realidade, é apenas *sentimento*.

Consequentemente, para Hegel, a autoconsciência natural infeliz, supõe ser abraçada, ou reconhecida pelo *além inatingível*, crê numa troca mútua de sentimentos. Todavia, essa vontade

---

<sup>15</sup> Ou melhor, “a superação do negativo próprio dessa cisão (isto é, segundo Hegel, o reconhecimento de que a transcendência na qual a consciência infeliz via a única realidade *não está fora*, mas sim *dentro dela*) leva a uma síntese superior, que se realiza no plano da “razão”” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 114).

não se realiza, então, a autoconsciência natural infeliz se desvanece, pois não atinge seu propósito. Na realidade, todo esforço que ela faz fica apenas ligada a singularidade sensível. Como resultado, a autoconsciência natural infeliz termina por cavar o seu próprio túmulo. Mas nem tudo está perdido, “a alma ‘cai em si’, e vê nisto o retorno à sua essência como coisa singular” (MENESES, 1985, p. 71).

Por causa de tal situação, para Hegel, a autoconsciência natural infeliz adentra num segundo momento, que se realiza no *desejo* e pelo *trabalho*, pois ainda “não se deu conta de que, para assim se achar, deve-se apoiar sobre a certeza interior de si mesma” (MENESES, 1985, p. 72). Em outras palavras, a autoconsciência natural infeliz permanece constituída pela cisão, já que ainda não compreendeu que para ter a resposta que busca, ela precisa voltar a seu próprio interior. Ou seja, nem mesmo emergindo o *sentimento* (fervor devoto) como um sinal que apresenta a *si mesma* como essência, foi o bastante para despertá-la.

Assim sendo, a autoconsciência natural infeliz fica numa realidade externa cindida entre a sua nulidade e o mundo sagrado. “Com efeito, esse assumiu em si a singularidade, e por ser universal enquanto é o imutável, em geral sua singularidade tem a significação de toda efetividade” (HEGEL, 2014, p. 164). Então, se a autoconsciência natural infeliz tivesse independência em que “a efetividade fosse nula em si e para si, [então] no trabalho e no gozo chegaria ao sentimento de sua independência; e isso porque seria ela mesma que suprassumiria sua efetividade” (HEGEL, 2014, p. 165). Entretanto, como o *imutável figurado* é a busca da autoconsciência natural infeliz, com efeito, fica impossível atingir tal realidade, assim, acaba que parando no gozo e no *trabalho*.

É importante ressaltar que, para Hegel, a autoconsciência natural infeliz tem um *dom imutável* que é a capacidade e a potencialidade de operar por *si* em meio aos extremos. Dado que ela tem o dom de manipular as *coisas sensíveis* ou a *natureza*. À vista disso, a autoconsciência natural infeliz cria por *si* uma unidade e um sentimento de obrigação com o *imutável figurado*, então, quando está colhendo *os frutos* do seu labor, os quais lhe serviram para satisfazer seus desejos, agradece.

Por isso, ela deixa sua independência e sua satisfação junto ao *desejo* e ao *trabalho*. “Sua ação de graças é ainda sua própria operação, que contrabalança, em pé de igualdade, a graça recebida; e a excede, porque retribui um elemento superficial com a renúncia a própria essência” (MENESES, 1985, p. 73). Em outros termos, a autoconsciência natural infeliz, ao interagir com as necessidades de subsistência, termina renunciando o *além-mundo*, isto é, torna-se contrária ao *imutável figurado*, pois ela se singulariza e acaba por se moldar *para-si* e *em-si*.



O resultado disso, para Hegel, leva a autoconsciência natural infeliz, como dito, a se *singularizar* perante a realidade e, nessa *negação* da *universalidade*, o faz se compreender como um *nada*. Ou seja, tal *negação* reafirma sua infelicidade, pois entende sua pequenez que inclusive o leva a não sentir mais prazer de viver, nem mesmo no tocante as funções naturais de sobrevivência, ou melhor, ela não encontra satisfação nas atividades que realiza no mundo.

Mas ao passar do tempo, a autoconsciência natural infeliz encontra um meio termo que o guia entre sua *singularidade* e o *imutável universal*. Ou melhor, surge a figura do *ministro religioso* como conselheiro que atribui o que é *justo*:

a) seguindo a norma alheia, a ação é mais particular, da pessoa, não provém de sua vontade e decisão; b) resta o fruto de seu trabalho; abdica também, renunciando à propriedade dos bens; c) e, para completar, renuncia até ao prazer de desfrutá-los, no jejum e na mortificação (MENESES, 1985, p. 74).

Em todas essas regras, formulada pelo *ministro religioso*, Hegel, compreende algo positivo, pois mesmo a autoconsciência natural infeliz, sofrendo restrições que privam sua liberdade externa e interna de seu existir, ocorre, nessa renúncia, uma diminuição da autoconsciência natural infeliz em *coisa objetiva*.

Tal situação é um modo no qual a autoconsciência natural infeliz escapa da contaminação da *ação de graças*. Isso se originou pela crença em algo ou *dom divino* como norteador que, na *verdade*, era a autoconsciência natural infeliz por si conservando sua singularidade como sua propriedade. Por outro lado, o lado interno da autoconsciência natural se constitui como *vontade intrínseca*.

Assim, nesse movimento, aconteceu a consumação de um sacrifício que supera a infelicidade sofrida pela autoconsciência natural infeliz. Com efeito, nesse meio termo entre o *imutável figurado* e a *vontade própria* da autoconsciência natural, o qual teve o *ministro religioso* como mediador, lhe trouxe um *despertar*, porque ao renunciar os desejos e a posse de bens, a autoconsciência natural infeliz, operando por *si* acaba, sem querer, voltando ao seu interior, onde está a *razão* que, por sinal, “veio-a-ser para ela: a certeza de ser consciência em sua singularidade, absolutamente *em si*, ou de ser toda a realidade” (HEGEL, 2014, p. 170). Isto é, ela se descobre como unidade de *ser* (imutável) e *pensar* (mutável).

### 3 RAZÃO

“A *razão* nasce no momento em que a autoconsciência natural adquire “a certeza de ser toda realidade”. Essa é a posição própria do idealismo” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 114). Em outras palavras, nesse momento, ocorre uma unidade de *ser* e *pensar*. Ou seja, o movimento contínuo pela *negação* da autoconsciência natural se expande para *fora-de-si*, mas retorna *para-si* com uma nova experiência que é de ser toda realidade dentro de uma unidade denominada *razão*. Não que nas experiências anteriores não havia o movimento, sempre existiu, mas como conceito só nesta etapa.

Agora que a autoconsciência natural tem tal conhecimento, ela irá interagir com o *todo* através de três experiências: na *observação*, na *ação* e, por fim, se *unificando*. Assim, desenvolverá cultura; procurará compreender a natureza orgânica e inorgânica que se dá na realidade; terá nas leis regras para organizar a sociedade. Enfim, todo esse conhecimento produzido na etapa da *razão* levará a autoconsciência natural a conceber a *verdade* junto a *história da humanidade*.

#### 3.1 MOMENTO DA OBSERVAÇÃO

Novelli (2013, p. 32) diz: na “observação: ela descreve, conta e nomeia”. Em outros termos, esse momento da autoconsciência natural se vincula as *ciências naturais* e nas *ciências humanas*. Esse processo, leva a autoconsciência natural a se constituir em seu *entendimento* no qual classifica os entes em orgânicos e em inorgânicos. Também volta a si, tentando explicar as suas operações lógicas e/ou psicológicas que moldam a sua existência e as suas atitudes perante o *todo*. Porém, “as leis colocam-se como armadilhas para a razão que ao se prender excessivamente a elas enquadra a verdade em formulas secas, estratificadas, sem vida” (NOVELLI, 2013, p. 32).

Assim, para Hegel, com tal movimento que a autoconsciência natural realiza através das *ciências naturais* e das *ciências humanas*, acaba criando leis fixas que justificam o modo como ela opera e como as *coisas* são. Claro, as leis têm sua importância, contudo, não são plenas, pois tais leis são desenvolvidas apenas pela observação singular de momentos empíricos ou fenomênicos que se apresentam no imediato.

“Desta forma, a observação, que apenas enquadra a dispersão sensível em universal, encontra em seu objeto a confusão de seu princípio: o determinado deve perder-se em seu contrário” (MENESES, 1985, p. 84). É nessa situação que as *ciências naturais* e as *ciências*

*humanas* se moldam em meio a universalidades abstratas por colocarem como certeza regras que são fundamentadas por ilusão da *percepção*. Ou seja, a observação quer chegar aos *mínimos detalhes* do que está investigando. Então, novamente como no caso da etapa da *percepção*, acontece a tentativa de determinar o que se visa. Portanto, tal concepção cai no universal.

Basear em detalhes o estilo de investigação leva ao engano por querer explicar a realidade do *todo* numa regra determinada pela simplicidade proveniente da sensibilidade. Mas já ponderamos em outros momentos da experiência da consciência natural, como visto, ter a realidade baseada no determinado acaba por cair na ilusão formada numa ciência construída por bases frágeis. Sendo assim, a autoconsciência natural sabendo disso, se *nega* e segue adiante a um novo conhecimento.

### 3.2 MOMENTO DA AÇÃO

Devido a esse erro em que a ciência *natural* e a *ciência humana* caí, a *negação* leva a autoconsciência natural a adentrar em outra etapa “para poder-encontrar-a-si-mesma-no-outro” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 114). Ou seja, a autoconsciência natural agora parte para a *ação*.

A razão que antes observava coisas, passa a considerar sua própria atividade espiritual: em primeiro lugar, como razão individual; em seguida, como razão universal; enfim, - quando a Essência espiritual chega ao mesmo tempo à luz da consciência e à substancialidade, - como espírito (MENESES, 1985, p. 97).

O que quer dizer é que a *razão*, nessa etapa, que emerge pela autoconsciência natural, parte do individual para o espiritual. Assim, ela procura se desvencilhar da observação fixa das *coisas* e de *si*, destarte, parte para a esfera moral ou ética, com intenção de se realizar individualmente, como também tende a se elevar a universalidade, isto é, busca encontrar o *ethos* superior que une os indivíduos.

Com efeito, é importante ressaltar que a *razão*, nesta fase, já se molda pela sua autoconsciência. Quer dizer, se compreende parte de um povo livre que tem seus costumes e busca a *felicidade* em momentos diversos. Ou seja, tem primeiramente na *necessidade* e no *prazer* a tentativa de se realizar pelo pensamento *em si* e *para-si*, mas cai em abstrações porque sabe do mundo *fora-de-si*, mas não se importa por ele e acaba sendo *engolido*.

Por conseguinte, numa nova experiência, a consciência natural consciente de si quer seguir seu *coração individual*, fazer seu próprio caminho, mas tal visão de mundo não passa de uma atitude desregrada. Ou seja, a consciência natural consciente de si, ao agir pelas próprias

vontades, com suas próprias regras, só desrespeitará as demais regras constituídas em consenso. Com isso, tal estilo de vida desvanece, acaba por ir à falência dando origem a uma nova concepção espiritual.

Então, por fim, a autoconsciência natural desenvolve a *virtude* na intenção de mudar o mundo. Contudo, não passa de algo abstrato em que um indivíduo quer reformar o mundo, mas acaba imaginando além do que consegue realizar. Entretanto, nem tudo está perdido, devido a todas essas experiências, surge uma *luz no fim do túnel*, a consciência natural consciente de si compreende que sua individualidade só se realiza perante a unidade.

### 3.3 UNIFICAÇÃO: A CONSCIÊNCIA NATURAL TEM A VERDADE E A CERTEZA DE TODA REALIDADE.

“Agora a consciência chega, na sua experiência, ao conceito que nós tínhamos dela: ‘ser, na certeza de si mesma, toda a realidade’. Compenetração da razão-que-observa e da razão-que-opera, agora é a categoria consciente de si mesma” (MENESES, 1985, p. 111). Em outras palavras, a consciência natural consciente de si mesma, se sabe como *conceito* de *ser* e *pensar*. Assim sendo, *categoriza* a realidade.

Antes, quando apenas observava a realidade, só apreendia o *ser*. Depois, ao agir, somente ficava nas operações de seu *pensar*. Porém, pela *negação*, a consciência natural consciente de si mesma termina por entender sua individualidade perante os objetos e outros sujeitos. Agora, tem *certeza* e *verdade* de ser uma unidade que compreende o individual e o universal das situações que se apresentam *em-si* e *para-si*.

Em vista disso, “já não visa produzir-se como *fim*, em oposição a efetividade, porque o agir é agora sua própria efetividade e verdade; e o fim é a expressão da individualidade” (MENESES, 1985, p. 112). Com isso, nesse processo, a consciência natural consciente de si mesma passa a se realizar junto a realidade, como conceito individual e em sua efetivação. Isto é, a consciência natural consciente de si mesma se apresenta como *obra* que se realiza no mundo.

Desse modo, a consciência natural consciente de si mesma, formada na razão, passa então a ditar leis, “a qual em sua forma imediata é a ‘sã razão’, ditando imediatamente leis éticas, que na verdade não passam de contingentes” (MENESES, 1985, p. 111). Devido a isso, a consciência natural consciente de si mesma abandona tal ponto de vista por não apresentar leis consistentes. Aliás, agora ela examina as leis éticas com intenção de corrigi-las, então

compreende que “a coerência dos enunciados é indiferente a verdade dos conteúdos” (MENESES, 1985, p. 111).

Com efeito, tal situação, leva a consciência natural consciente de si mesma a formar uma cisão entre *querer* e *poder* realizar as leis perante a sociedade. Surge uma nova expansão da consciência natural consciente de si mesma que vai ao *campo espiritual*. Ou seja, ela passa a analisar a *história da humanidade* para então compreender como é a *verdade* que está lhe cercando em todos os momentos de sua vida.

## 4 HISTÓRIA

A consciência natural consciente de si mesma despertou, chegou a sua *verdade* de *ser e pensar* toda a realidade. Primeiramente, sendo *consciência natural* que experimenta sua ingenuidade e teimosia por querer condicionar o objeto, depois como *consciência-de-si natural* no qual buscava reconhecimento e liberdade para pensar, e posteriormente, perante a *razão*, observava e agia perante o mundo até saber sua *verdade* que é a unidade de *ser e pensar* toda realidade e que é capaz de construir pelas *leis éticas* uma sociedade.

Todavia, para a consciência natural consciente de si mesma, em seu despertar, descobre então que “a verdade é constituída como verdade na medida em que se aliena na realidade humana” (NOVELLI, 2013, p. 32). Para Hegel, na realidade, existem múltiplas consciências naturais conscientes de si mesma, os quais se dividem no espaço e no tempo, no mundo. Todos seres humanos que passaram todas etapas anteriores da *consciência natural*, da *consciência-de-si natural* e da *razão* também vão ter sua *verdade* na unidade de *ser e pensar* toda realidade.

Por existir várias consciências naturais conscientes de si mesma, sabendo que tem a *verdade em-si e para-si*, acaba que cada uma *verdade* se aliena uma na outra. Isto é, aqueles que se desencilharam dos momentos que tentavam condicioná-los, conseguiram levar a sua *verdade* junto a *história*. Pois, “a verdade continua aqui e o que é acrescido as suas características é a história” (NOVELLI, 2013, p. 32).

### 4.1 A VERDADE É UM PROCESSO QUE SE DÁ NA HISTÓRIA

Assim, a consciência natural consciente de si mesma tem sua *verdade* de *ser e pensar* junto a *história*, porque é pela *história* que interage com o mundo, com a cultura e com outras consciências naturais conscientes de si mesma. Pois, para elas “não interessa a verdade enclausurada em si mesma” (NOVELLI, 2013, p. 32). A *verdade* não pode estar apenas em uma única consciência natural consciente de si mesma, pois senão se consumiria uma *verdade* na outra consciência natural consciente de si mesma. Logo, devido a existência de múltiplas consciências naturais conscientes de si mesma, faz com que a *verdade* de todos só se concilie num *meio* denominado por Hegel como *história*.

Com efeito, “o eu só pode ter consciência de um produto acabado; é preciso, portanto, que a ele se ofereça um produto que seja finito e infinito e no qual tenha, em certo sentido e de modo objetivo, a intuição de sua própria atividade produtora” (HYPPOLITE, 1999, p. 48). Em outros termos, a consciência natural consciente de si mesma tende a encontrar um fim na

*história*, pois ela é o meio em que todas consciências naturais conscientes de si mesma se produzem através da *cultura*.

A *história* mescla o *finito* e o *infinito*. Está na realidade do *ser* e do *pensar*, ou seja, é na *história* que ocorrem as atividades passíveis e possíveis de serem produzidas objetivamente. Tal processo não tem nada a ver com uma realidade inapreensível, como no caso da etapa da *consciência infeliz* em que a busca da autoconsciência natural se vinculava a um mundo inatingível cujo não fazia parte da realidade *espaço-temporal*.

Então, as consciências naturais conscientes de si mesma como produtoras, se descobrem e se realizam numa “espécie de “história” na qual a organização se torna mais e mais autônoma” (HYPPOLITE, 1999, p. 48). Nesse processo, denominado *história*, tem-se o fecho das consciências naturais conscientes de si mesma. Lembrando que, para Hegel, é preciso ter uma mentalidade que não condicione a realidade. Pois, “a história da humanidade só é possível sob a condição de que, nela, a necessidade se encontre reconciliada com a liberdade” (HYPPOLITE, 1999, p. 44).

Assim, a *história*, como visto, precisa ser pensada em um *meio* de livre-arbítrio que possibilite as consciências naturais conscientes de si mesma saberem de sua *verdade* de *ser* e *pensar* a realidade. Além disso, a consciências naturais conscientes de si mesma, como produtoras, tendem a buscar uma organização para todos indivíduos que vivem em sociedade. Logo,

a história tem por objeto a espécie e não o indivíduo: “com efeito, todas as minhas ações chegam, em última instância, a um resultado cuja realização não pode ser atingida por um único indivíduo, mas por toda a espécie”. Só há, portanto, história da humanidade (HYPPOLITE, 1999, p. 43).

Ou seja, cada consciência natural consciente de si mesma, sendo unidade, tem seu ápice como *verdade em-si* e *para-si*, de *ser* e *pensar* toda realidade, processo só atingível com a experiência. Além disso, tal *verdade* só se completa na *história da humanidade*, pois é o meio onde cada consciência natural consciente de si mesma pode produzir a *si* e se descobrir como pertencente ao *todo*. Então, para Hegel, é na *história da humanidade* que a consciência natural consciente de si mesma se relaciona com o objeto, com outras iguais a si, com seu próprio subjetivo. Portanto, tais momentos são essenciais para a construção cultural da humanidade.

Ora, mas nesse *todo*, onde está a *verdade*? Tem momentos que está no objeto, outros no sujeito, por fim, na *história da humanidade*. “A verdade, em Hegel, é fruto de um processo, ou melhor, é o processo” (NOVELLI, 2013, p. 29). Sendo assim, a *verdade* se realiza em um

*processo* em que as consciências naturais conscientes de si mesma produzem a *história da humanidade*. Ou seja, é na *história* que “a verdade está sempre deixando de ser para ser cada vez mais sem temer a perda de sua essência” (NOVELLI, 2013, p. 33).

Enfim, a *verdade* em Hegel leva-nos a conclusão de ser um *processo* que se dá entre os objetos e os sujeitos que constituem cada povo que se organiza culturalmente em cada época na *história da humanidade*.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa pesquisa, junto a obra *Fenomenologia do Espírito*, do grande pensador Hegel, foi possível apresentar uma resposta satisfatória perante o desafio de entender o *conceito de verdade*. Em sequência, a *verdade*, neste texto, está associada a experiência que a consciência natural, se tornando autoconsciência natural, depois consciência natural consciente de si mesma, realiza em sua finitude. Isto é, o *conceito de verdade* foi desenvolvido pela experiência de vida de um ser humano que nasce, cresce e morre.

Tal processo, realizado pelo ser humano, é uma existência que produz conhecimento da *verdade*, ao passar do tempo, perante um *processo* que se realiza com os objetos, com as relações sociais provenientes do contato com outros seres humanos e pela cultura realizada junto a história da humanidade. Por exemplo, quando criança, temos uma *verdade*, na adolescência temos outra *verdade* e assim por diante, mas a vida de um ser humano é finita, então o que fica é a *verdade* realizada pela cultura de cada povo, de cada época da história da humanidade, já que o povo ocidental tem um *conceito de verdade* diferente do povo oriental, como também, cada comunidade desse planeta tem seu *conceito de verdade*.

Contudo, neste texto, tendo o termo “consciência natural” como referência a um ser humano, em que podemos assim concebê-lo na experiência enquanto se realiza na *vida*, desde sua infância até a velhice. Em outras palavras, pensa-se, em princípio, uma pessoa que em seu desenvolvimento pode cair numa *verdade* determinada, ou seja, ele pode vir a formar a *verdade* baseada na compreensão do senso comum, ou através de um pensamento dogmático e/ou mesmo utilizando o estudo lógico-analítico pode vir a vincular a *verdade* pelo simples condicionamento, algo que pode-se considerar pobre perto da *verdade* proveniente da *negação dialética* como propulsor da experiência da *vida*.

O ser humano, ao ter a *verdade* junto a experiência da *vida*, além do simples condicionamento, ou melhor, uma *verdade* que se desenvolve na *negação* da reflexão dialética idealista de Hegel, é levado a entender a *verdade* diante de um itinerário que se dá na *experiência da vida* e na *história da humanidade*. Isto é, ela se molda conforme o *espírito da época*. Claro, não podemos interpretar a *verdade* como algo estável na *história*, mas a *verdade* na *história* se dá por um *processo* que liga os objetos e os sujeitos que constroem pela cultura sua própria *história*.

Inicialmente, neste trabalho, o ser humano é apresentado como uma consciência natural ingênua e abstrata que acredita ter a *verdade* na *certeza sensível* como a mais rica e plena. Porém, a *verdade* se dá no *processo*. Então, a *verdade* da *certeza sensível* cai em abstrações, ou

seja, leva a consciência natural à universalidade, pois a *verdade* do *saber imediato* é pobre, e se não bastasse o eu empírico quer condicioná-la, tal situação, se aproxima da visão do senso comum.

O ser humano passa a utilizar a *percepção*, porém, continua querendo condicionar a *verdade*, situação que o leva a *ilusão*. No perceber, visualiza uma unidade que comunga de muitas propriedades que agem indiferentemente uma da outra. Mas a consciência natural, ao se negar, deixa de condicionar a *verdade*, adentra a ter a *verdade* como *processo* que *dá* o objeto para o sujeito como um *universal incondicionado*.

Então, se inicia o *despertar* de tal ser humano. Pelo *entendimento*, ele analisa o objeto sem determiná-lo, ou seja, tem o objeto como algo que se manifesta pela *força* e na *lei*. Tal situação não passa de uma atividade produzida no intelecto; descobre então um *mundo invertido* com aparência fenomênica, é o *interior das coisas ou suprassensível* que é fenômeno do fenômeno. Para compreender melhor o suprassensível, imagine estar diante do espelho. Logo, o reflexo do espelho seria fenômeno do fenômeno, por outro lado, você em-si é fenômeno. Claro, é obscuro compreender o suprassensível, mas tal analogia apresentada é o que vem em mente para ter como exemplo do *interior das coisas*.

Por conseguinte, tal relação com o objeto, tanto como fenômeno como também como suprassensível, leva o ser humano a ter conteúdo em suas reflexões. Então, pode conceber um mundo *infinito* de muitas possibilidades, com tal movimento reflexivo, ele tem a *verdade* de ser *consciência-de-si*, pois pode conceber momentos *finitos* num *infinito objetivado*, algo que só é atingido através do entendimento.

Agora, o ser humano *consciente-de-si* desenvolve o *desejo* quer, então, consumir as coisas do mundo. No entanto, logo passa a querer possuir outro ser humano igual a *si* que valide seu *ego*. Vem a *luta*, um será senhor outro escravo. Por *medo*, este trabalha e se reconhece no senhor e no objeto que produz, o outro goza a vida. Contudo, a *verdade do reconhecimento* desvanece. Assim, surge o *livre-pensar*.

Nesse sentido, tanto faz a posição que o ser humano tinha anteriormente pela *luta*. A busca, neste estágio, é outra, um pensamento que fuja das situações cotidianas que aparecessem pelo *desejo* e a disputa. Origina-se o *estoicismo*. Assim, o ser humano *consciente-de-si* abstrai, quer fugir do mundo dos desejos, mas acaba se afastando da realidade. Vem o *ceticismo* como alternativa. Nesta etapa, o ser humano percebe a realidade, mas contraria, nega-a pela teimosia, assim acaba adentando numa visão duplicada da realidade.

Por fim, o ser humano *consciente-de-si* se torna *consciência infeliz*, quer encontrar o *divino imutável* num *além-mundo*, porém, não chega ao que deseja, pois é algo que está além

do que se pode conceber. Contudo, neste *sofrimento*, em que passou, o ser humano *consciente-de-si* vem a ter uma *luz no fim do túnel*, ou seja, o ser humano, voltando a *si* descobre que tal processo de conceber o *divino* é algo que se encontra em seu interior, assim origina-se a *razão*.

O reflexo de tal processo dá ao ser humano *consciente-de-si* a *certeza e verdade de ser uma unidade de toda realidade*, é *ser e pensar*. Assim, passa a ter *razão*, isto é, com racionalidade passa a observar a natureza e age perante ela. Então, se unifica querendo ditar *leis éticas*, que não passam de contingência, não são *verdade-em-si*, são apenas um consenso entre seres humanos que fazem parte da *história da humanidade*.

Chegamos ao ápice do ser humano. É na *história* que ele entende como a *verdade* se dá. Ou seja, a *verdade* vem à tona como um *processo* que liga o mundo objetivo, os seres humanos e a *história da humanidade*. Tudo isso forma um *elo* inquebrável que torna “a verdade cada vez mais sem temer a perda de sua essência” (NOVELLI, 2013, p. 33). Logo, a *verdade* tem como essência se dar perante a *cultura* desenvolvida pelos seres humanos que venham a compartilhar e realizar a *história da humanidade* para além das épocas.

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Eduardo, F. **O defeito da lei universal do entendimento na fenomenologia do espírito de Hegel**. In: UTZ, Konrad.; SOARES, Marly. (orgs.). **A noiva do espírito: natureza em Hegel**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 8. ed. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEGEL, G.W.F. “**A Fenomenologia do Espírito**” (prefácio, introdução). Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. SP, 1979.

HYPOLITE, J. **Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel**. Tradução de Sílvio Rosa Filho; prefácio de Bento Prado Jr. 1. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MENESES, P. **Para ler a Fenomenologia do Espírito**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. **A verdade em Hegel e Marx**. Aurora, v. 7, p. 27-38, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114766>>. Acesso em: 18 de julho de 2021.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: Do Romantismo ao Empiriocriticismo**. São Paulo: Paulus, 2005.

SALVADORI, M. **A educação em Hegel**. V CINFE. Congresso internacional de Filosofia e Educação. Maio de 2010-Caxias do sul- RS-Brasil- ISSN 2177- 644X. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo\\_tematico9/A%20educacao%20em%20Hegel.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico9/A%20educacao%20em%20Hegel.pdf). Acesso em: 18 de julho de 2021.

SANTOS, J. H. **Trabalho e riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Loyola, 1993.

SANTOS, J. H. **O Trabalho do Negativo**. São Paulo: Loyola, 2007. 356 p.